

VIAGEM DO PRESIDENTE GEISEL - Registro Histórico - Repercussões AO JAPÃO



Assessoria de Relações Públicas
da Presidência da República
setembro 1976

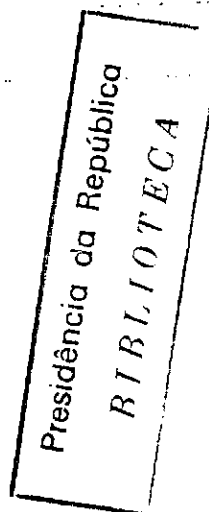
VIAGEM DO PRESIDENTE GEISEL AO JAPÃO

Registro Histórico
Repercussões

**Assessoria de Relações Públicas
Presidência da República
Setembro de 1976.**

1 . Introdução.....	4
2 . Comitativa Oficial	5
3 . Roteiro de Viagem.....	6
4 . Programa Executado.....	7
5 . Discursos proferidos:	20
— Primeira Reunião Consultiva Ministerial Japão-Brasil.....	20
— Banquete oferecido pelo Im- perador.....	26
— Almoço na Keidanren	31
— Banquete oferecido pelo Primeiro Ministro	41
— Almoço no Nippon Press Center	50
— Banquete do Presidente às Suas Majestades Imperiais..	54
6 . Inauguração do Sistema D D I	15
7 . Imprensa	56
Repercussões	56
Entrevistas	62
— Presidente à Rede de TV japonesa NHK.....	62
— Presidente da Keidanren e Diretor Internacional	64
— Presidente no Nippon Press Center	70
— Ministro dos Negócios Es- trangeiros do Japão.....	77
— Presidente no Akasaka	80
— Presidente a bordo do trem para Quioto.....	90
— Embaixador do Brasil em Tóquio	99
8 . Comunicado Conjunto Brasil-Japão..	102
9 . Avaliação Política e Econômica (Ministro Azeredo da Silveira).....	111

ÍNDICE



1. INTRODUÇÃO

O Presidente da República, Ernesto Geisel, visitou o Japão em meados de setembro de 1976, atendendo a convite desse país e retribuindo visitas do Príncipe-Herdeiro e de altas autoridades do governo japonês, inclusive de seu Primeiro Ministro.

Pelos interesses comuns e mercê dos laços de amizade tradicionais entre o Brasil e o Japão — reforçados pela numerosa população de origem japonesa que vive no Brasil — a visita teve um êxito marcante.

Esta publicação pretende registrar o desenvolvimento desse evento histórico e levantar suas principais repercussões nos campos político e econômico. Estas repercussões estão contidas num texto do Ministro das Relações Exteriores, Antônio Francisco Azeredo da Silveira.

O Presidente Ernesto Geisel foi acompanhado de sua esposa, Dona Lucy Geisel, e de sua filha Senhorita Amália Lucy. Integraram sua Comitiva o Ministro Antônio Francisco Azeredo da Silveira, das Relações Exteriores e esposa; o Ministro Severo Fagundes Gomes, da Indústria e do Comércio; o Ministro Shigeaki Ueki, das Minas e Energia; o Ministro João Paulo dos Reis Velloso, Chefe da Secretaria de Planejamento da Presidência da República; o General Hugo de Andrade Abreu, Ministro-Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República e esposa; o Senador Virgílio de Moraes Távora, Vice-Presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado; o Deputado Federal Joaquim Coutinho Correa de Oliveira, Presidente do órgão homólogo da Câmara dos Deputados; o Embaixador do Brasil em Tóquio, Hélio de Burgos-Cabal e esposa; o Embaixador Hélio Antônio Scarabôto, Chefe do Cerimonial do Itamarati; o Embaixador Ítalo Zappa, Chefe do Departamento da África, Ásia e Oceânia, do Ministério das Relações Exteriores; e o Ministro Jorge Carlos Ribeiro, Chefe do Cerimonial da Presidência da República.

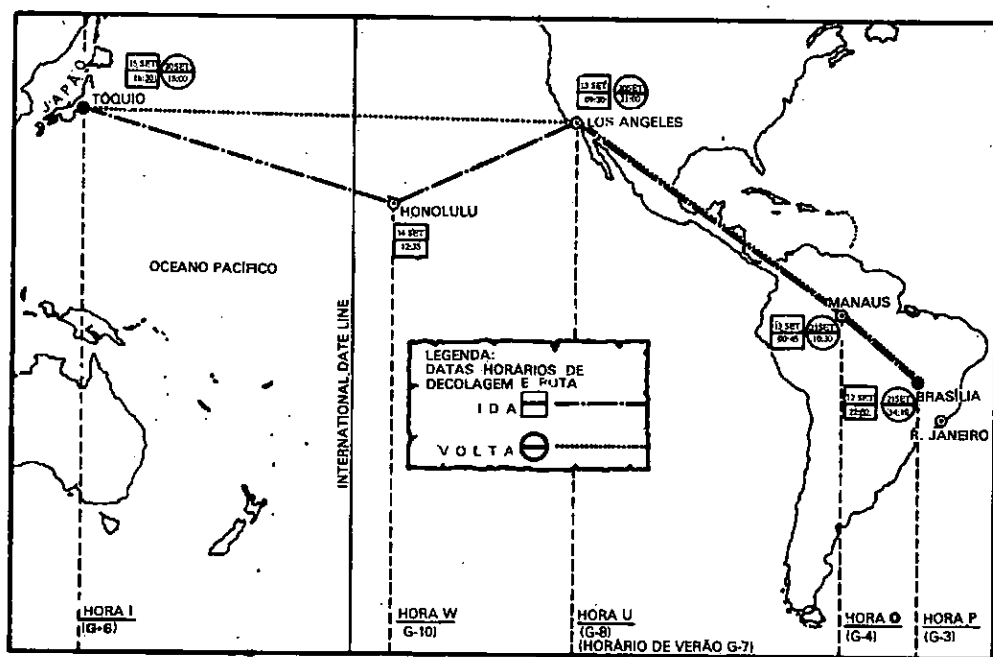
2 — COMITIVA OFICIAL

Como convidados especiais acompanharam também os senhores: Dr. Marcus Pereira Vianna, Diretor-Presidente do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico; Dr. Fernão Carlos Botelho Bracher, Diretor de Áreas Externas do Banco Central; Dr. Eduardo de Castro Neiva, Diretor da Carteira de Agências e Participações Internacionais do Banco do Brasil e Dr. Erick de Carvalho, Diretor-Presidente da Varig.

3 — ROTEIRO DE VIAGEM

Decolagem de Brasília às 22:00 horas do dia 12 de setembro de 1976 em aeronave da VARIG, especialmente adaptada à Viagem Presidencial.

Escalas em Manaus, Los Angeles, Honolulu (Pernoite) e chegada a Tóquio às 16:30 horas (hora local) do dia 15.



Hora de Tóquio = hora de Brasília + 12 horas

Domingo, 12 de setembro:

4 — PROGRAMA EXECUTADO

NO BRASIL

Às 21:00 horas procedeu-se ao cerimonial de embarque na Base Aérea de Brasília, com a presença de altas autoridades da República sediadas na Capital Federal, quando foram prestadas honras militares.

A seguir, houve escala no Aeroporto Internacional de Manaus e recepção pelo Governador do Estado do Amazonas, Enoch Reis e esposa, na sala de autoridades do Aeroporto.

Segunda-feira, 13 de setembro:

EM LOS ANGELES

Desembarque no Aeroporto Internacional de Los Angeles, ao início da manhã, com cumprimentos do Embaixador do Brasil em Washington, João Batista Pinheiro e Senhora; do Encarregado do Consulado Geral local, Secretário Joaquim Salles e do Gerente da Varig.

Seguiu-se o deslocamento ao Hotel Hyatt House onde à entrada, o Cônsul-Adjunto do Brasil, Luiz Augusto de Araújo Castro apresentou ao Presidente da República e Senhora, dirigentes de entidades governamentais e privadas brasileiras, sediadas na Costa Oeste dos Estados Unidos.

Terça-feira, 14 de setembro:

EM HONOLULU

O Presidente da República e senhora foram recebidos pelo Governador George Ariyoshi e principais autoridades do Estado do Havaí, e pelo Côsul-Geral do Brasil em Los Angeles, Ministro Oswaldo Castro Lobo.

Hospedados no Hotel Kahala Hilton, o Presidente e a comitiva pernoveram em Honolulu.

Quarta-feira, 15 de setembro:

CHEGADA A TÓQUIO

A chegada, no Aeroporto Internacional de Tóquio, o Embaixador do Brasil, Hélio de Burgos Cabal apresentou ao Presidente da República o chefe da comitiva de honra japonesa, Sr. Atsushi Uyama, a bordo da aeronave presidencial.

Após a apresentação, o embaixador brasileiro e o chefe da comitiva de honra, japonesa desceram do avião e postaram-se junto aos demais membros da comitiva.



O Presidente Ernesto Geisel ao desembarcar no aeroporto internacional de Tóquio.

A seguir, desceram o Presidente da República e Senhora e cumprimentaram os membros da comitiva de honra japonesa, e a Embaixatriz do Brasil, seguidos pelos demais componentes da comitiva oficial brasileira. Nesse momento foi o Presidente homenageado com salvas de artilharia.

O Chefe e membros da comitiva de honra japonesa acompanharam o Presidente da República e comitiva oficial em cortejo, rumo ao Palácio Akasaka onde ficaram hospedados.

O trajeto levou cerca de trinta minutos entre acenos e bandeiras dos dois países, ao longo do percurso.



Quinta-feira, 16 de setembro:

RECEPÇÃO DO IMPERADOR NO AKASAKA

O Presidente da República e Senhora receberam Suas Majestades Imperiais à entrada do Palácio Akasaka, conduzindo-os ao terraço onde foram executados os Hinos Nacionais dos dois países.

Seguiram-se as apresentações dos Príncipes-Herdeiros, dos membros da Família Imperial, do Primeiro-Ministro e Senhora, e da Senhora Amália Lucy Geisel.

CORTEJO AO PALÁCIO IMPERIAL

Tendo à frente o Imperador Hiroito e o Presidente Geisel, as comitivas de ambos países rumaram em cortejo ao Palácio Imperial.

VISITA AO PALÁCIO IMPERIAL

A visita formal ao Imperador japonês concentrou-se no Salão Takenoma, do Palácio Imperial, onde a Comitiva Oficial brasileira teve a oportunidade de cumprimentar Suas Majestades Imperiais. Houve troca de presentes e de condecorações, ocasião em que o Presidente da República condecorou a Imperatriz Nagako com a Ordem do Cruzeiro do Sul, com a qual já havia sido agraciado o Imperador Hiroito, em 1955. O Presidente Ernesto Geisel recebeu o colar da Suprema Ordem do Crisântemo e a Senhora Lucy Geisel a Ordem Primeira da Sagrada Coroa.



VISITA DO PRIMEIRO MINISTRO

No Palácio Akasaka o Presidente da República recebeu o Primeiro-Ministro japonês, Takeo Miki, em visita de cortesia; na oportunidade, o Presidente ofertou uma fotografia autografada ao Primeiro-Ministro, que lhe retribuiu o gesto.



VISITA DO GOVERNADOR DE TÓQUIO

O Presidente da República recebeu a visita do Governador de Tóquio, Ryokiti Minobe, em companhia de algumas autoridades, tendo este ofertado uma lembrança ao Chefe de Estado brasileiro.



PRIMEIRA REUNIÃO CONSULTIVA MINISTERIAL JAPÃO-BRASIL

Concomitantemente aos compromissos desenvolvidos pelo Presidente da República, reuniram-se Ministros dos dois países no Gaimusho (Ministério do Exterior), constituindo-se na primeira Reunião Consultiva Ministerial Japão-Brasil.

Na ocasião, o Vice-Primeiro-Ministro Takeo Fukuda saudou os Ministros brasileiros, tendo respondido o Ministro Antônio Azeredo da Silveira.



O PRESIDENTE DA REPÚBLICA PROFERINDO DISCURSO EM HOMENAGEM ÀS SUAS MAJESTADES IMPERIAIS.

BANQUETE OFERECIDO PELO IMPERADOR

Suas Majestades Imperiais ofereceram um banquete em honra do Presidente da República e Senhora, no Palácio Imperial.

Na oportunidade, o Presidente Ernesto Geisel, a Senhora Lucy e Senhorita Amália Lucy foram recebidos pelo Imperador Hirofito, pela Imperatriz Nagako, pelos Príncipes Herdeiros e membros da Família Imperial.

Seguiram-se cumprimentos e o jantar, acompanhado de música. Houve troca de discursos e a execução dos Hinos Nacionais de ambos países.

Sexta-feira, 17 de setembro:

APRESENTAÇÃO DOS CHEFES DE MISSÃO DIPLOMÁTICA

Foram apresentados ao Presidente da República e Senhora, os Chefes de Missão Diplomática, tendo estes cumprimentado também a Senhorita Amália Lucy Geisel e o Ministro das Relações Exteriores, Antônio Francisco Azeredo da Silveira.



RECEPÇÃO AO PRIMEIRO MINISTRO PARA CONVERSACÕES

O Primeiro Ministro japonês, Takeo Miki, foi recebido pelo Presidente da República em companhia de assessores de ambas partes, oportunidade em que mantiveram conversações.

Participaram do encontro os Ministros Reis Velloso, Azeredo da Silveira e por parte do Japão, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Zentaro Kosaka, seu Secretário e o Diretor Geral para Assuntos Latino-americanos, Kuniyoski Date.



ALMOÇO À SENHORA LUCY GEISEL E VISITA AO MAGAZINE TAKASHIMAYA

Paralelamente aos compromissos do Presidente Geisel, a Senhora Lucy Geisel cumpria programação especial, em companhia da Senhorita Amália Lucy e das senhoras da comitiva oficial.

Foi obsequiada com um almoço no Restaurante Kiccho (típico), pela esposa do Primeiro-Ministro, depois de visitar as dependências do importante magazine, Takashimaya.





ALMOÇO OFERECIDO PELA FEDERAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES ECONÔMICAS DO JAPÃO — KEIDANREN —

A Federação das Organizações Econômicas do Japão ofereceu ao Presidente da República um almoço, ocasião em que o Chefe de Estado brasileiro foi cumprimentado por altas personalidades representativas da área econômica.

Após, o presidente do Keidanren (mais poderosa entidade econômica japonesa) improvisou breve saudação ao Presidente da República que o retribuiu com discurso, reproduzido adiante, concluindo com um brinde à prosperidade dos japoneses.

Posteriormente, encontraram-se para entendimentos, empresários japoneses e participantes da Comitativa brasileira, tendo estado presente, por alguns minutos, o Presidente da República.

RECEPÇÃO NO NEW OTANI

A Associação Central Japão-Brasil e o Grupo Parlamentar Nipo-Brasileiro receberam o Presidente da República no Hotel New Otani, onde foram recebidos pelos respectivos Presidentes das Entidades e pelo Secretário-Geral da Associação Central Japão-Brasil e Senhora.

BANQUETE OFERECIDO PELO PRIMEIRO MINISTRO

O Primeiro Ministro, Takeo Miki, e Senhora ofereceram um jantar em sua residência oficial ao Presidente da República e Senhora, do qual fizeram parte os membros da comitiva oficial. Na ocasião posaram para fotografias e trocaram discursos com brindes recíprocos. Os discursos encontram-se transcritos adiante.

Sábado, 18 de setembro:

INAUGURAÇÃO DO SISTEMA DDI

Às 08:30 horas o Presidente da República recebeu chamado telefônico internacional. Era o Ministro das Comunicações do Brasil, Comandante Euclides Quandt de Oliveira marcando o início de operação do sistema de "Discagem Direta Internacional", também para o Japão. Cerca de 3.400 cidades japonesas poderão ser atingidas pelas suas redes telefônicas em menos de 20 segundos, através do sistema inaugurado na ocasião.



NOVO ENCONTRO DO PRIMEIRO-MINISTRO

Na residência oficial do Primeiro-Ministro, o Presidente da República manteve novo encontro acompanhado de alguns membros de sua comitiva, constituindo-se numa segunda etapa de conversações.

SENHORA LUCY GEISEL EM VISITA À ESCOLA

A Primeira Dama brasileira, concomitantemente aos compromissos do Presidente da República, visitou em companhia das senhoras que compunham a comitiva brasileira, a Escola Primária Kojimashi.





ALMOÇO OFERECIDO PELO "NIPPON PRESS CENTER" (CLUBE DE IMPRENSA DO JAPÃO)

O Presidente da República fez-se acompanhar de membros da comitiva oficial ao almoço que lhe ofereceu o Clube de Imprensa do Japão, onde foi recebido pelo Presidente e pelo Secretário-Geral da Entidade.

Após o almoço houve discursos (reproduzidos adiante), tendo o Presidente da República concedido entrevista aos jornalistas japoneses.

À saída, assinou o livro de visitantes ilustres.



VISITA AO MUSEU NACIONAL

No Museu Nacional de Tóquio, o Chefe de Estado brasileiro e Senhora detiveram-se particularmente nas seções de escultura japonesa, armas e armaduras, pinturas, gravuras e objetos de laca.



BANQUETE DO PRESIDENTE ÀS SUAS MAJESTADES IMPERIAIS

O Presidente da República e Senhora retribuíram, no Palácio Akasaka, ao banquete que lhes ofereceram Suas Majestades, o Imperador Hirofuto e a Imperatriz Nagako, no Palácio Imperial.

Após o banquete, houve troca de discursos (adiante transcritos) e brindes.

Seguiu-se recepção em honra de Suas Majestades Imperiais.

Domingo, 19 de setembro:

VIAGEM A QUIOTO

Em companhia de alguns membros de sua comitiva e da comitiva de honra japonesa, o Presidente da República e Senhora dirigiram-se à Estação Ferroviária de Tóquio, onde embarcaram no trem Shinkanzen-Hikari, com destino a Quioto. À chegada, hospedaram-se no Hotel Miyako.



VISITA AO PALÁCIO IMPERIAL

O Presidente da República, Senhora Lucy Geisel e Senhorita Amália Lucy, visitaram com grande interesse o Palácio Imperial, em Quioto.



VISITA AO CASTELO NIJO

No Castelo Nijo admiraram os jardins e ouviram música japonesa tocada por um conjunto tradicional.





JANTAR OFERECIDO PELO CHEFE DA COMITIVA DE HONRA JAPONESA AO PRESIDENTE

O Chefe da comitiva de honra japonesa, Atsushi Uyama (ex-embaixador no Brasil) e Senhora ofereceram um jantar ao Presidente da República e Senhora no Restaurante Tsuruya, onde assistiram a números de música e dança tradicional japonesa.



Segunda-feira, 20 de setembro:

VISITA AO TEMPLO CHIONIN

O Presidente da República e Senhora visitaram o Templo Chionin, sede de uma das seitas budistas, regressando posteriormente a Tóquio. Os visitantes desse templo devem percorrê-lo descalços, conforme a tradição.

DESPEDIDAS EM TÔQUIO

No Palácio Akasaka procederam-se às despedidas oficiais, tendo estado presentes Suas Majestades Imperiais, os membros da Família Imperial, o Primeiro-Ministro e Senhora entre outras autoridades.

O Presidente da República e Senhora deixaram o Palácio de Akasaka destinando-se ao Aeroporto Internacional de Tóquio, onde se despediram da comitiva de honra japonesa e do Embaixador do Brasil, Hédio de Burgos-Cabal e Senhora.

Em torno das 18:00 horas, decolaram rumo ao Brasil, com escalas em Los Angeles e Manaus.



PORTA-BANDEIRA JAPONÊS
EMPUNHANDO A BANDEIRA
BRASILEIRA.

Terça-feira, 21 de setembro;

CHEGADA EM BRASÍLIA

Aproximadamente às 14:30 horas, retornou à Base Aérea de Brasília a aeronave da Varig trazendo a bordo o Presidente Ernesto Geisel e comitiva oficial.

Recepcionaram-lhe o Vice-Presidente da República, General Adalberto Pereira dos Santos, Ministros de Estado, Comandantes Militares da Área, e outras autoridades da República.

5— DISCURSOS PROFERIDOS

**DISCURSO PRONUNCIADO
PELO VICE-PRIMEIRO
MINISTRO TAKEO FUKUDA,
POR OCASIÃO DA
ABERTURA DA REUNIÃO
CONSULTIVA MINISTERIAL
BRASIL-JAPÃO
EM 16 DE SETEMBRO DE 1976
(TRADUÇÃO — NÃO OFICIAL)**

Visita que marca época

**Três pontos de
aproximação**

Ao iniciar esta sessão da Reunião Consultiva Ministerial Brasil-Japão, desejo dirigir-vos algumas palavras. É para todos nós uma grande satisfação poder receber Sua Excelência o Senhor Embaixador Azeredo da Silveira, Ministro das Relações Exteriores, e demais Ministros brasileiros nesta primeira Reunião Consultiva, que se realiza por ocasião da visita de Sua Excelência o Senhor Ernesto Geisel, Presidente da República Federativa do Brasil.

A visita de Sua Excelência o Senhor Presidente Ernesto Geisel, que marca época na história das relações nipo-brasileiras, foi antecedida por dois acontecimentos que causaram grande preocupação ao país. O primeiro foi a vinda de um tufão que trouxe consigo chuvas, inundações e enormes prejuízos ao Japão. O segundo foi a tempestade política que desabou sobre o país, criando nos últimos dias grandes problemas de política interna. Felizmente, a crise política foi resolvida ontem à noite, exatamente às 11 horas, com a reforma do Gabinete, e, hoje estamos aqui presentes com novos Ministros.

Distantes apenas geograficamente, o Japão e o Brasil são países que tendem à aproximação, principalmente devido a três pontos que faço questão de mencionar. Primeiro, o Japão e o Brasil adotam o mesmo sistema econômico de livre iniciativa e mantêm com todos os povos do mundo relações de cooperação, fatos esses que permitem o desenvolvimento de uma política de coexistência, de progresso e de respeito mútuo e elevam o nível de nossas relações ao prevaletente entre povos amigos. Em segundo lugar, existe no Brasil uma grande colônia japonesa, o que nos faz considerar o Brasil como um país-irmão.

O terceiro ponto de aproximação a citar é o

seguinte: o Brasil possui abundantes recursos naturais e o Japão, que não os possui, está dotado de uma indústria avançada, o que permite o estabelecimento do que se poderá denominar de relações complementares no campo da economia. E são também bastante estreitas nossas relações em outros domínios, notadamente nos campos do comércio e dos investimentos.

Nossos países, que são ao mesmo tempo sócios, amigos e irmãos, agora realizam esta reunião Consultiva Ministerial tendo em vista um maior estreitamento de suas relações e, por extensão, a prosperidade dos demais povos da comunidade internacional. Por isso acredito que sejam de suma importância a troca de opiniões, sinceras e francas, que será realizada nesta Reunião entre os Ministros de nossos países.

Ao finalizar, expresso os mais sinceros votos de que os trabalhos desta Reunião sejam coroados do mais pleno êxito, para o que conto desde já com a cooperação de todos os Ministros presentes.

A instalação da Reunião Consultiva Ministerial Brasil-Japão é um ato que se reveste da maior relevância no contexto da histórica visita do Presidente brasileiro ao Japão.

Ela reflete, antes de tudo, o reconhecimento, por parte de nossos Governos, do nível de importância a que chegaram hoje as relações entre o Brasil e o Japão. De um lado, a crescente projeção de ambos os países no cenário mundial e, de outro, o peso cada vez mais destacado de nosso relacionamento bilateral,

Troca de opiniões,
sinceras e francas

**DISCURSO DO EMBAIXADOR
ANTONIO F. AZEREDO DA
SILVEIRA, MINISTRO DE
ESTADO DAS RELAÇÕES
EXTERIORES DO BRASIL POR
OCASIÃO DA ABERTURA DA
REUNIÃO CONSULTIVA
MINISTERIAL BRASIL-JAPÃO.**

Ampliar diálogo
nipo-brasileiro

Trajetória para o Século XXI

levaram ao estabelecimento de uma moldura institucional compatível com essa realidade. Ao mesmo tempo, através deste novo mecanismo, intenta-se ampliar o alcance do diálogo nipo-brasileiro, de modo a proporcionar uma perspectiva mais abrangente da evolução dos nossos interesses mútuos. Se como executores políticos, devemos velar pela harmonização de nossas preocupações presentes, como planejadores não podemos descuidar daqueles objetivos que transcendem o horizonte temporal imediato, para se inserir numa perspectiva de longo prazo.

Neste último quartel do século XX, torna-se cada vez mais necessário um descortino acurado do que nos reserva o ano 2000. Os especialistas prevêem que, na sua trajetória para o século XXI, o mundo irá se deparar com graves problemas econômico-sociais que, dada a interdependência que caracteriza a sociedade internacional, demandará um esforço coletivo de solucionamento. Caberá, então, optar entre as vias da confrontação e da cooperação.

Tradição de convivência exemplar

O Japão e o Brasil constituem, a esse respeito, um exemplo notável da segunda alternativa. Apesar da diversidade histórico-cultural e do distanciamento geográfico, desfrutamos de um clima excepcionalmente favorável em nosso relacionamento bilateral. Esta tradição de convivência pode ser considerada exemplar. Diria que há poucos casos semelhantes na comunidade internacional.

Entre nossos povos, o diálogo é fácil e mutuamente enriquecedor. Graças a isso, nas poucas décadas de nossa história comum, foi possível construir — com invejável solidez — as bases de uma cooperação que é das mais

frutíferas no presente e das mais promissoras para o futuro.

Insisto no fato de que esse encontro de interesses nacionais não é fruto de mero acaso. Ele é o resultado consciente da convergência de nossa atuação externa e da complementariedade de nossas estruturas internas.

Na atuação externa, encontramos identidade de aspirações em prol de um desenvolvimento pacífico e construtivo das relações entre os povos; orientamo-nos para um comportamento pragmático ante as mutações constantes da realidade internacional; e buscamos sempre uma coerência ética na defesa de nossos interesses nacionais.

O pacifismo, erigido em norma constitucional em ambos os países, espelha a disposição de se alcançar um entendimento ecumênico através do diálogo sem preconceitos entre as nações.

O pragmatismo, por sua vez, reflete a capacidade de adaptação de nossos povos, que se mostram sempre abertos à compreensão da realidade externa, sem se deixar imobilizar por construções apriorísticas.

A história recente do Japão bem ilustra a liberação de forças criativas e empreendedoras que tal comportamento enseja. A feliz comunhão dos ensinamentos ocidentais e valores orientais no universo cultural japonês concorrem para a projeção desta nação na linha de frente do mundo contemporâneo. Nada mais natural que isso resultasse numa afinidade de atitudes com o Brasil, que, nesse sentido, também se tem beneficiado de um entrecruzamento de culturas.

**Desenvolvimento pacífico
e construtivo
entre os povos**

Afinidade de atitudes

**Momento exige
lucidez e coragem**

Cabe, agora, dentro da coerência ética que informa nossas atuações externas, tomarmos as oportunidades e responsabilidades que essa convergência nos apresenta para direcionar conjuntamente nossos interesses nacionais em favor de uma nova ordem mais equitativa para todos os povos. Nesse sentido, podemos e devemos ser otimistas e ambiciosos porque o momento histórico exige lucidez e coragem.

**Convivência fraternal
de imigrantes**

No âmbito do relacionamento direto entre o Brasil e o Japão, as condicionantes não são menos auspiciosas. A ausência de pontos de fricção política entre os dois Governos — de resto, tradicional — constitui um fator de predisposição altamente favorável e um entendimento harmonioso. A isso, acresça-se o patrimônio inestimável que constitui a convivência fraternal de imigrantes japoneses e seus descendentes brasileiros no meio nacional.

**Fazer frutificar
essa cooperação**

A complementaridade de interesses no campo econômico vem dar maior expressão a todo esse quadro, já moldado e preparado por tantos fatores positivos. Nossa missão agora é trabalhar no sentido de fazer frutificar essa cooperação, a partir de uma ação concertada que atenda às expectativas de ambos os povos nas suas aspirações de progresso econômico e social.

O presente mecanismo de consultas foi previsto na Declaração Conjunta firmada entre nossos Governos em 1974. Entrementes, o Brasil estabeleceu compromissos semelhantes com os Estados Unidos da América, o Reino Unido, a França e a Itália, os quais estão funcionando dentro de sua finalidade precípua de sintonização dos amplos interesses bilaterais e multilaterais respectivos. O Brasil espera que, também com o Japão, essas consultas possam atingir uma expressão operacional con-

sentânea com as nossas realidades e potencialidades mútuas. Só assim nossos Governos estarão correspondendo às reais expectativas de nossos povos.

O diálogo pleno de Governo a Governo, dentro dessa moldura, permitirá um contato pessoal mais aprofundado entre os dirigentes dos dois países, revertendo em benefício da confiança e estabilidade de nossas relações. Ademais, o intercâmbio de experiências estimulará o surgimento de soluções originais e criativas nos mais diversos setores, proporcionando um valioso cabedal para uma maior compreensão dos valores e interesses recíprocos.

O importante é que estas Reuniões possam vir a se tornar o foro para um encontro construtivo e franco de interesses nacionais, onde os problemas sejam analisados e equacionados a partir de uma perspectiva global das relações nipo-brasileiras e dentro da qual, a "vontade de decisão" encontre o seu peso específico. Nesse sentido, os resultados deste diálogo devem espelhar a maturidade política que o inspira. Não desejamos simples constatações declaratórias de relações especiais, mas uma prática de comunicação efetiva e operacional.

A agenda desta primeira Reunião Ministerial concentra o seu ponto focal na cooperação econômica entre nossos países. Mas não devemos perder de vista o fato de que estamos investidos de um mandato de natureza mais ampla, com bases eminentemente políticas.

Partindo dessa premissa, convido os senhores a procederem à mais ampla e acurada discussão de todos os campos de interesse para o futuro das relações nipo-brasileiras, a fim de

**Maior compreensão
dos valores e interesses
recíprocos**

**Discussão ampla e
acurada**

**Exemplo à
comunidade internacional**

**DISCURSO DE SUA
MAJESTADE IMPERIAL NO
BANQUETE QUE OFERECEU
AO PRESIDENTE DA
REPÚBLICA, NO
PALÁCIO IMPERIAL, NO
DIA 16 DE SETEMBRO DE
1976.**

700 mil emigrantes

que se consolidem aqui os fundamentos para um diálogo permanente, sadio e equilibrado. Não devemos ignorar as naturais dificuldades com que ainda nos defrontamos — elas são apenas a medida de nosso desafio. O Brasil e o Japão são países habituados a enfrentar e vencer desafios, desde que estejam convenientes de sua validade.

Estou perfeitamente seguro de que é o nosso caso, nesta hora e neste momento. Somos parceiros de uma cooperação que transcende os limites de nossos interesses bilaterais. Estamos dando à comunidade internacional o exemplo de que entre países do Norte e do Sul, entre desenvolvidos e países em desenvolvimento, é possível e viável um entendimento harmonioso e mutuamente benéfico.

É essa a verdadeira dimensão de nossa tarefa.

“Excelentíssimo Senhor
Presidente da República Federativa do Brasil,

Desejaria, em primeiro lugar, expressar a Vossa Excelência e a Excelentíssima Senhora Geisel, as minhas sinceras boas-vindas. Vossas Excelências vieram de muito longe para visitar este país. É para mim e para a Imperatriz uma grande alegria termos a oportunidade de oferecer este banquete aqui, no Palácio Imperial.

Muito afastados geograficamente, nossos dois países estabeleceram relações diplomáticas em fins do século XIX. Foi em 1908 que os primeiros emigrantes japoneses pisaram o solo de seu país. Hoje, cerca de 700 mil emigrantes e seus descendentes brasileiros vivem felizes no Brasil; contribuem para o progresso da comunidade brasileira. Aqueles emigrantes e seus descendentes en-

frentaram e venceram dificuldades naturais, o que pode ser atribuído, creio eu, ao apoio e à boa vontade do governo brasileiro e também à amizade constante e espontânea que aos nossos compatriotas e aos seus descendentes dedica o povo brasileiro.

A troca de visitas de altas personalidades entre nossos dois países tem sido, nos últimos anos, cada vez mais freqüente. Essas visitas facilitam e incentivam nosso intercâmbio econômico, industrial e cultural.

Aproveito esta oportunidade para, de novo, expressar nosso profundo agradecimento pela acolhida calorosa que, em todo o seu país, foi oferecida ao Príncipe Herdeiro Akihito e à Princesa Michiko e também ao Príncipe e à Princesa Mikasa, quando, alguns anos atrás, visitaram o Brasil.

Sob um céu profundamente limpo e claro, conta o Brasil com vastas extensões de terras férteis. Seu país é abençoado com abundantes recursos naturais, que se localizam, principalmente, na região amazônica, tesouro promissor de toda a América Latina.

Numa antevisão magnífica, a nova capital do Brasil, Brasília, foi fixada em pleno planalto central. Seu país impôs-se como grande potência e tem o respeito dos outros países.

Reconheço, com reverência profunda, a dedicação de Vossa Excelência, extraordinário líder da amiga nação brasileira, à causa da prosperidade futura de seu país. Reconheço, também, que, para tanto, Vossa Excelência vem fortalecendo os laços de amizade com outros países vem desenvolvendo entendimentos no setor industrial e no setor da cooperação técnica com o exterior.

País abençoado

**Concretização
da Paz Mundial**

Acredito que a visita de Vossa Excelência ao Japão contribuirá para o progresso da nossa compreensão recíproca e também para o aperfeiçoamento das nossas relações de amizade. Mas esta visita contribuirá, sobretudo, para assegurar a cooperação econômica entre nossos dois países, o que ajudará a concretização da paz mundial e do bem-estar de toda humanidade.

Embora curta a estada neste país de Vossa Excelência e da Excelentíssima Senhora Geisel, é meu desejo que se encontrem com o maior número possível de personalidades, nos mais diversos campos de atividade, e que conheçam também, quanto for possível, os variados aspectos deste país.

Proponho a todos os presentes que ergam suas taças para brindarmos à felicidade do Excelentíssimo Senhor Presidente Ernesto Geisel e Senhora e, também, ao futuro próspero da República Federativa do Brasil”.

Majestades Imperiais,

Esta é a primeira vez que um Chefe de Estado brasileiro visita oficialmente o Japão. Sinto-me feliz e honrado por me haver cabido esse privilégio. Minha estada em solo nipônico espero venha a ser uma demonstração das boas relações que existem entre nossos Governos, expressão da sólida amizade que une nossos povos e penhor da disposição que a ambos anima, de torná-la permanente.

Aqui estou, depois de longa viagem por terras antípodas à de meu país. E, no entanto, sinto natural a atmosfera que me cerca, desnecessário qualquer esforço de adaptação. Não há nisso motivo de surpresa. O Brasil e o Japão tornaram-se, de há muito, países próximos. A maneira de ser japonesa, por diferente que seja da nossa, é familiar aos brasileiros. O Brasil é o país que, fora do arquipélago nipônico, acolheu o maior contingente de sangue de origem japonesa. Somos gratos a esses japoneses que se transferiram para o nosso país e ajudaram a construir a prosperidade da nação brasileira. Seus filhos e netos fazem hoje parte das gerações nacionais que preparam, orgulhosamente, o Brasil de amanhã.

Sou, por isso mesmo, portador de uma mensagem de afeto do povo brasileiro aos súditos de Vossa Majestade Imperial.

Desejo reafirmar que o relacionamento entre o Brasil e o Japão oferece-nos uma perspectiva histórica que transcende o plano dos interesses imediatos. É que existe a cimentá-lo a amizade nipo-brasileira, a admiração recíproca entre nossos povos e a confiança mútua entre nossos Governos. Partimos, pois, de uma sólida base de entendimento para o exercício de uma cooperação que pode ser exemplar.

**DISCURSO PRONUNCIADO
PELO PRESIDENTE DA
REPÚBLICA, DURANTE O
BANQUETE QUE LHE
OFERECEU SUA MAJESTADE
O IMPERADOR DO JAPÃO.**

**O Brasil e o Japão
tornaram-se países próximos**

**Lição de esforço,
de confiança e
de determinação**

Estou seguro de que minha visita ao Japão tornará ainda mais forte essa convicção. Partilho da admiração de todos os brasileiros pelo extraordinário exemplo que nos dá a história da nação japonesa — lição de esforço, de confiança e de determinação.

Poderei, agora, sentir de perto as raízes profundas desta cultura que, nos tempos modernos, soube harmonizar tão perfeitamente a técnica ocidental à tradição oriental. O Japão não é apenas uma grande potência econômica. Sua maior riqueza é a disciplina ética de sua gente, sua dedicação à pátria, sua tenacidade capaz de transformar desafios históricos em milagres humanos.

Essa vitalidade da nação japonesa é a grande impressão que se colhe ao chegar a este solo milenar.

**Destino de Paz,
de Justiça e de Liberdade**

Creio que reside aqui um grande traço de união entre nossos povos. O Brasil é, também, um país que tem consciência de sua energia e que a emprega, com entusiasmo, na construção de um destino de paz, de justiça e de liberdade. Nossa é, também, a capacidade inata de dar e de receber, a disposição natural de crescer na convivência com outras culturas. Somos abertos aos contatos com quaisquer povos amigos porque nos sabemos naturalmente capazes de tornar nacionais as influências que recebermos de fora. Sabemos, também, que os países se entendem, se associam, se unem ou mesmo se identificam em muitos de seus propósitos; porém, nunca se confundem. Essa autenticidade é a condição mesma para um diálogo criativo, seja entre indivíduos, seja entre os Estados.

O Brasil e o Japão cumprem, com rigor, essas regras de convivência. Eis, porque, volto a dizer, tenho plena confiança no futuro de nossas relações.

Pensando no entendimento entre nossos países, peço a todos os presentes que a mim se juntem no brinde que faço a Suas Majestades o Imperador e a Imperatriz do Japão e, em nome do povo brasileiro, ao povo amigo do Japão.

Excelentíssimo Senhor Presidente Ernesto Geisel,

É para mim motivo de grande alegria a oportunidade que me foi dada de receber Vossa Excelência e demais altas personalidades, aqui presentes, para este almoço, que, em sua homenagem, oferecem as cinco principais organizações econômicas japonesas. Desejaria expressar, em nome dessas organizações, meu profundo agradecimento pela presença de Vossa Excelência, em meio ao seu intenso programa de visitas ao Japão.

Remontam ao ano de 1908 as relações entre o Japão e o Brasil. Naquele ano, a bordo do navio Kasado-Maru, destinou-se a seu país o primeiro grupo de emigrantes japoneses. Desde então, atravessando os mares rumo ao Brasil, um grande número de japoneses tem podido realizar o sonho e concretizar a esperança de trabalhar nas terras de seu país. Hoje, ultrapassa a cerca de 750 mil o número de japoneses e seus descendentes incorporados à sociedade brasileira; dedicam-se eles, confiantes e felizes, ao progresso do Brasil, sua nova pátria.

Dotado de abundantes recursos naturais, o Brasil, contando com seu imenso território e com a diligência de seu povo, cujo espírito empreendedor todos reconhecem, vem mantendo, a cada ano que passa, um extraordinário crescimento econômico. Sob a grande liderança de Vossa Excelência e de outros destacados líderes de seu país, os brasileiros unidos dedicam-se à construção do Brasil, o

**DISCURSO PRONUNCIADO
PELO SENHOR TOSHIO DOKO,
PRESIDENTE DO KEIDANREN,
NO ALMOÇO QUE, OFERECEU
AO PRESIDENTE DA
REPÚBLICA, NO DIA 17 DE
SETEMBRO DE 1976.**

Grande potência do futuro

que comove a todos os que visitam o seu país.

Não é de se estranhar, nessas condições, que o mundo inteiro encare o Brasil como uma grande potência do futuro.

Satisfaz-nos saber que, cada vez mais, se estreitam as relações econômicas entre nossos dois países, nos campos do comércio, dos investimentos e da cooperação técnica; intensifica-se, de modo geral, o intercâmbio entre nossos países nos mais diversos setores de atividade.

Examinamos com grande interesse os projetos econômicos de seu país, com os quais o povo brasileiro conta garantir um futuro próspero. Comprometemo-nos a fazer nossos melhores esforços para, conjuntamente, obtermos os mais frutíferos resultados, em termos da coexistência e prosperidade que almejam o Japão e o Brasil.

Observamos, com grande satisfação, a recente troca de visitas entre líderes japoneses e líderes brasileiros, as quais constituem um dos fatos positivos para o aperfeiçoamento das nossas amistosas relações. Dois líderes do Governo japonês visitaram o Brasil nos últimos dois anos; em julho deste ano, ocorreu a visita do Ministro da Indústria e Comércio Internacional, Toshio Kohmoto, a qual, como as demais visitas, visava estreitar as relações entre nossos dois países. Por outro lado, ainda está viva em nossa memória a visita a este país, no começo deste ano, do Senhor Shigeaki Ueki, Ministro das Minas e Energia do Brasil, evento altamente positivo para a ampliação da nossa compreensão recíproca.

Nova etapa nas relações de amizade

É extremamente significativa, agora, a visita a este país do próprio Presidente da amiga

nação brasileira. Alcançamos uma nova etapa nas relações de amizade entre o Japão e o Brasil.

Desejo expressar a Vossa Excelência, Senhor Presidente, o meu mais sincero agradecimento em poder contar, aqui, com a sua presença e também com a presença dos dignos membros de sua comitiva, no momento em que a opinião pública mundial clama pela ampliação do intercâmbio e da colaboração internacionais. Estou convencido de que a visita de Vossas Excelências ao Japão satisfaz o nosso desejo diário de alcançarmos resultados cada vez mais positivos nas relações de amizade entre o Japão e o Brasil.

Rogo, a todos os presentes que ergam suas taças para brindarmos à felicidade pessoal do Excelentíssimo Senhor Presidente Ernesto Geisel e ao próspero futuro da República Federativa do Brasil.

**DISCURSO PRONUNCIADO
PELO SENHOR PRESIDENTE
DA REPÚBLICA DURANTE O
ALMOÇO OFERECIDO
PELO KEIDANREN.**

**Acelerada modernização
econômica**

**Segredo do
milagre japonês**

**Consciência do
desenvolvimento**

Senhores,

É, para mim, um grato prazer este contacto de hoje com os representantes das organizações empresariais do Japão. Grande tem sido o papel de muitas dessas organizações no desenvolvimento económico de meu país — contribuição essa que desejo, desde logo, reconhecer e ressaltar. Estou certo de que a experiência da associação de interesses nipônicos e brasileiros, em vários campos de atividades, constituirá exemplo e estímulo para outras entidades empresariais aqui representadas.

Já hoje não surpreendem as comparações entre os nossos países. Tão distantes um do outro pela geografia e tão distintos na sua ancestralidade, ofereceram ambos ao mundo, em dado momento, o espetáculo de acelerada modernização económica, o que levou até a que se falasse de um "milagre brasileiro" como antes se falara, com justiça, de um "milagre japonês".

Lisonjeiras como possam parecer essas expressões, não nos devem confundir na verdadeira apreciação da realidade. Pois não há milagre onde o resultado alcançado decorre da escolha racional de objetivos, da determinação inquebrantável de alcançá-los, da escolha judiciosa dos meios e, sobretudo, de uma consciente dedicação e esforço coletivos. Esse foi o segredo do milagre japonês, como teria sido o segredo dos êxitos brasileiros.

Indispensável, no Japão e no Brasil, foi a tomada de consciência, pelo povo todo, da idéia do desenvolvimento, a convicção generalizada de que a independência política e económica mutuamente se condicionam e

sê suportam, e de que esta última só se poderá alcançar com uma plena mobilização nacional. Indispensável, em ambos, foi a compreensão da necessidade de criar estruturas econômicas modernas, adequadas às características da sociedade que se queria construir.

Essa tomada de consciência quanto aos objetivos e essa compreensão quanto aos meios tornaram-se fecunda em cada um de nossos países por haverem ocorrido, simultaneamente, entre homens de Governo e entre homens de empresa. No Japão, foi a imaginação e o espírito empreendedor do empresário privado, aliados à visão renovadora do país por parte dos homens de Governo, que tornaram possível o extraordinário surto de progresso econômico que colheu a admiração mundial.

No meu país, fenômeno semelhante está ocorrendo e não admira, pois, que resultados parecidos dele possam decorrer.

A harmônica interação entre os homens de negócios e os homens de governo, se é fecunda nos momentos em que a conjuntura econômica favorável impulsiona o progresso, torna-se essencial nas ocasiões de crise.

Ora, vivemos ainda fase de reajustes profundos em nossas economias nacionais, como resultado das crises por que tem passado a economia internacional em anos recentes. Refiro-me à crise que nos levou, a todos, a repensar nossas prioridades em termos de produção e utilização da energia. Mas refiro-me, também, às crises que têm abalado as estruturas a serviço da cooperação financeira e comercial. Tais crises a todos atingem, mas em graus distintos. E variável é, também, a capacidade nacional de enfrentá-las, como diversos são os remédios disponíveis.

Extraordinário surto de progresso

Crises recentes

Otimismo

Felizmente para o Brasil, somos um país otimista. Vemos, nas crises, um desafio e, até hoje, não nos faltou nem imaginação para buscar soluções nem determinação para pô-las em prática. Característica marcante do modo brasileiro de enfrentar esses reptos, tem sido o bom entendimento entre os setores público e privado e a cooperação no plano internacional.

**Quarto Mercado Mundial
para os investimentos
japoneses**

Talvez a concordância de nossos processos econômicos tenha favorecido a cooperação nipo-brasileira. Talvez a circunstância de que o Brasil haja acolhido, fraternalmente, grandes correntes imigratórias japonesas tenha contribuído para o mesmo resultado, criando laços invisíveis de simpatia e de entendimento entre o Japão e o Brasil. Fato é que somos, hoje, países intimamente ligados, também, por interesses econômicos. Os investimentos nipônicos no Brasil aumentaram sensivelmente nos últimos anos, fazendo com que o Japão dispute, hoje, o segundo lugar entre os países com maiores inversões diretas no Brasil. Não menos importante é o fluxo visto do lado dos interesses empresariais japoneses. Pois o Brasil já é o quarto mercado mundial para os investimentos japoneses. Nosso comércio recíproco apresenta índices significativos de crescimento. Como parceiro comercial do Japão, o Brasil situa-se até acima de vários países industrializados, entre os quais a maioria dos países integrantes da Comunidade Econômica Européia.

Os níveis alcançados na cooperação econômica e comercial entre nossos países estão longe, porém, de representar, significativamente, as potencialidades dessa cooperação.

**Complementação dos
interesses econômicos**

O Japão tem uma economia dinâmica, com fundamental necessidade de matérias básicas

para sua indústria e com um mercado consumidor crescentemente exigente. Nossa economia, não menos dinâmica, caracteriza-se pela abundância de recursos naturais, inclusive território, ainda inaproveitados, pela avidez de recursos financeiros para sua exploração, pela necessidade premente da incorporação de tecnologia avançada no processo produtivo e pela versatilidade da produção industrial. São, pois, bastante variadas e amplas as possibilidades de complementação dos interesses econômicos entre nós.

Seria de desejar-se que, em suas relações recíprocas, os homens de negócio de nossos países revelassem o mesmo espírito criador que dispensaram ao dinamismo das respectivas economias. Penso, por exemplo, nos benefícios que resultariam, para ambos os povos, de uma progressiva elevação do grau da cooperação em níveis de crescente desenvolvimento tecnológico. O progresso neste setor, longe de desservir ao intercâmbio, favorece-o, dando densidade às relações econômicas e substituindo uma instável interdependência vertical por uma interdependência horizontal, de caráter mais racional e equilibrado.

O Brasil, sabem os Senhores, fez a opção de desenvolver-se sob a forma de uma sociedade aberta, em que a cooperação com outras nações é de fundamental importância. Essa cooperação não nos tem faltado, nem de nossa parte temos deixado de prestá-la. E essa evolução é favorecida pelo fato de haver-mos podido instituir, no país, ordem econômica e social com estabilidade política. São condições de qualquer progresso interno e, também, a maior garantia e o maior estímulo à confiança internacional.

À Revolução de 1964 encontrou o Brasil à beira de um colapso. Medidas rigorosas fi-

Estabilidade política

zeram-se imediatamente necessárias, seja para conter a inflação — que ameaçava ultrapassar a taxa dos 100 por cento — seja para criar condições de equilíbrio externo da economia. Foi possível, não obstante, logo no primeiro ano, recuperar a renda real, a qual, a partir de então, passou a crescer a um ritmo seguro. De 1968 em diante, quando as medidas básicas de saneamento econômico já haviam alcançado o seu objetivo, o país passou a crescer a um ritmo sem precedentes.

Em termos reais, de 1968 para cá, o Produto Interno Bruto mais que duplicou e a renda **per capita** subiu em quase 65 por cento. É importante notar que o grande aumento real verificado na capacidade produtiva do país ocorreu com aceitável equilíbrio na expansão dos setores primário, secundário e terciário da economia.

Graças a esse progresso e à confiança que eles criaram no empresariado e no público brasileiros, bem como nos homens de negócio estrangeiros com interesse em nosso país, pôde o Brasil enfrentar a atual crise econômica internacional.

No ano passado, sob vários aspectos o pior dessa crise, a economia brasileira manteve-se em expansão, embora, necessariamente, a um ritmo mais lento do que o registrado no período precedente.

Política mais flexível

A consciência que tem o Governo dos perigos de um processo inflacionário — igualmente, agravado pela crise externa — levou-o a forçar, deliberadamente, a redução da taxa de expansão econômica, apesar dos reflexos negativos de tais medidas do ponto de vista de vários setores da opinião pública. Tal atitude mais uma vez evidencia o caráter racional de nossa política. A inflação, decorrente em larga proporção da crise econômica internacional, é, no momento, o alvo

principal da política econômica e no plano interno, assim como o equilíbrio do balanço de pagamentos tem sido o objetivo principal do plano externo. O acerto das medidas adotadas e sua necessária conjugação nos permitem antever que elas terão limitada duração e cederão lugar, por fim, a uma política mais flexível, como sempre foi a nossa meta.

Os resultados obtidos e, mais que isso, a racionalidade da política que lhes está subjacente, têm valido, a meu país, a confiança da comunidade internacional dos homens de negócios. A estabilidade política de que o Brasil tem gozado nos últimos doze anos, somada ao tratamento dispensado ao capital estrangeiro, é fator positivo de crescimento e tem favorecido a participação da técnica e do capital estrangeiros em nosso processo de desenvolvimento. A par de medidas para redução do déficit em nossas transações correntes com o exterior, uma sábia administração da dívida externa, que tem por base a compatibilização do nível do endividamento com a geração de recursos para a sua amortização, permite-nos absorver, de forma ordenada, novos fluxos de capitais externos, sem risco para os seus fornecedores.

Não seria completo o retrato da fase atual por que passa o Brasil, se não mencionasse, também, os esforços que têm sido feitos no campo social. A consciência de que a estabilidade política — base do crescimento econômico — está diretamente ligada à estabilidade social e o sentimento de que o desenvolvimento não é um objetivo abstrato, mas deve visar ao próprio homem, têm levado os Governos da Revolução Brasileira a darem atenção especial aos aspectos sociais do desenvolvimento. Beneficiária do crescimento alcançado nos Governos precedentes, pôde minha administração imprimir renovado impulso às medidas

**Capitais externos
sem riscos para
fornecedores**

**Esforços no
campo social**

que visam à maior disseminação dos frutos do crescimento econômico. Essa melhoria efetiva dos padrões de vida da população deverá assegurar base duradoura para a estabilidade das instituições políticas, o que constitui a garantia maior com que podem contar os investidores estrangeiros.

Senhores empresários,

Espero haver oferecido aos Senhores um quadro geral das idéias do meu Governo quanto à evolução econômica do meu país e às potencialidades da cooperação nipo-brasileira. Estou certo da vitalidade dessas relações que resultarão em benefício crescente para ambas as Nações.

Agradeço a honrosa homenagem que me prestam, considerando-a, sobretudo, como homenagem a meu país.

Peço a todos que bebam comigo, à prosperidade de nossos dois países e ao constante aprimoramento das relações entre os nossos povos.

"Excelentíssimo Senhor
Presidente da República Ernesto Geisel
Excelentíssima Senhora Geisel,
Excelentíssimos Membros da Comitiva Pre-
sidencial e demais personalidades presentes,
Senhoras e Senhores,

É com muita honra e grande alegria que faço
realizar este banquete de boas-vindas em
homenagem a Vossa Excelência e à Excelen-
tíssima Senhora Geisel, bem como aos dignos
membros da Comitiva Oficial de Vossa Ex-
celência.

Sinto-me profundamente feliz. Permita-me
expressar minhas mais sinceras boas-vindas a
Vossa Excelência e a todos os que, aqui
presentes, o acompanharam desde o Brasil,
um dos países mais distantes do Japão.

Desde a crise do petróleo, muitos países pas-
saram a sofrer inflação e recessão econômica.
Há algum tempo, no entanto, vem-se re-
cuperando a economia mundial, que se
defronta, nos dias que correm, com impor-
tantes decisões na busca dos caminhos da
prosperidade, livres de inflação. O Brasil de
hoje, sob a liderança precíara e inteligente de
Vossa Excelência, vem vencendo várias
dificuldades econômicas e vem-se enca-
minhando, a passos firmes e decididos, no
sentido do desenvolvimento nacional. Rea-
lizam-se, nessas condições, grandes projetos,
como a construção da Transamazônica e a
industrialização do alumínio, no norte do país;
a construção da usina hidrelétrica de Itaipu,
com capacidade aproximada de 10 milhões de
KW, no sul do país; a construção da usina
siderúrgica de Tubarão, na região centro-
leste; e a exploração agrícola do cerrado, na
região centro-oeste. Tais projetos, ora em
curso no Brasil, constituem uma das obras
mais grandiosas a serem executadas pelo
Homem na segunda metade do século XX. É

**DISCURSOS DO PRIMEIRO
MINISTRO TAKEO MIKI, NO
JANTAR QUE OFERECEU AO
PRESIDENTE GEISEL, NO DIA
17 DE SETEMBRO DE 1976.**

**Uma das obras mais
grandiosas a serem
executadas pelo homem
na segunda metade
do Século XX**

Século brasileiro

este um magnífico surto de progresso. Como se costuma dizer entre os brasileiros, "Ninguém segura este país".

Permita-me expressar, Senhor Presidente, minhas mais sinceras palavras de respeito e admiração por esta auspiciosa e denodada obra, que vem sendo realizada pelo Governo de Vossa Excelência.

Afirmam alguns analistas, ao observarem o acelerado crescimento econômico do Japão nos últimos anos, que o século XXI será um século japonês. Entretanto, à vista do desempenho econômico do Brasil, sustentam outros analistas que aquele século será brasileiro. Desejo que os dois países, o Brasil e o Japão, que visam a maior desenvolvimento no futuro, mantenham e ampliem suas cordiais relações de cooperação, a fim de que continuem a progredir ininterruptamente.

Maiores incentivos empresariais japoneses no Brasil

É com muita satisfação que vejo numerosas empresas japonesas participarem desses programas econômicos, que se vão concretizando, orientados pela mais alta prioridade atribuída pelo Governo brasileiro. Esforçam-se nossas empresas em contribuir sempre para os interesses brasileiros. O Governo japonês, desse modo, pretende envidar os maiores esforços possíveis para, a seu turno, oferecer maiores incentivos às atividades empresariais japonesas em terras brasileiras.

Ocupando quase metade do continente sul-americano, o Brasil tem recebido, com carinho, imigrantes de diversos países desde o século XIX. O país se desenvolve e tem mantido sempre uma convivência harmoniosa, de âmbito nacional, com aqueles emigrantes, usufruindo inteiramente suas características raciais positivas. Vejo neste aspecto de seu país uma realidade digna de admiração, uma

demonstração da grandeza do Brasil. É para mim motivo de alegria verificar que os emigrantes japoneses e seus descendentes também participam, como brasileiros, dos esforços de desenvolvimento do Brasil.

No setor cultural, é também motivo de alegria para nós, japoneses e brasileiros, registrar a inauguração, há poucos dias, do Centro de Cultura Japonesa da Universidade de São Paulo. Os estudos sistemáticos sobre a cultura japonesa, a serem empreendidos nesse instituto de pesquisas, têm particular importância para o aprofundamento da compreensão recíproca entre o Japão e o Brasil. Espero, nessas condições, que, cada vez mais, se aperfeiçoem os trabalhos daquele centro de estudos culturais nipônicos.

Estreitam-se os laços de amizade entre o Brasil e o Japão, ao mesmo tempo em que se torna mais freqüente a troca de visitas de altas personalidades entre os dois países. Em 1974, por exemplo, o ex-Primeiro-Ministro do Japão, Kakuei Tanaka, fez uma visita oficial a seu país; seguiu-se, no ano passado, a visita ao Brasil do Vice-Primeiro-Ministro Takeo Fukuda; ainda este ano, ocorreu a visita do Ministro da Indústria e do Comércio Internacional, Toshio Kohmoto. O Japão, a seu turno, recebeu, no ano passado, a visita do Senhor Quandt de Oliveira, Ministro das Comunicações, e, em janeiro deste ano, a visita do Senhor Shigeaki Ueki, Ministro das Minas e Energia. Reconheço que todas essas visitas têm contribuído amplamente para a maior compreensão e confiança recíproca entre nossos dois países.

Trata-se, desta feita, da visita de Vossa Excelência e da Excelentíssima Senhora Geisel ao nosso país. Esta visita, Senhor Presidente, sem dúvida auspícia o estreitamento dos

**Aprofundamento da
compreensão recíproca**

**Relações cada vez
mais aperfeiçoadas**

laços de amizade entre o Japão e o Brasil: este acontecimento marca época na história do relacionamento entre nossos países. Estou certo de que, doravante, as relações fraternas que mantemos, sejam econômicas, sejam culturais, serão cada vez mais aperfeiçoadas.

Dada a existência, em nossos dias, de fatos que conduzem à interdependência internacional, só poderá ser alcançada a paz mundial se houver prosperidade em cada país, se houver bem-estar para a humanidade. Não poupamos, por conseguinte, nossos melhores esforços para a consecução da paz mundial e o bem-estar do Homem. Estamos conscientes dos deveres que, do ponto de vista internacional, se impõem ao nosso país.

Espero que, neste curto lapso de tempo da sua visita, Vossa Excelência e a Excelentíssima Senhora Geisel, bem como os membros de sua comitiva, possam conhecer mais profundamente o Japão de hoje, travando contato com a liderança das nossas mais diversas atividades, estando presentes nos mais variados lugares deste país. Na antiga capital de Kyoto, por outro lado, desejo que, sob as amenidades do começo do nosso outono, passem um dia proveitoso e feliz e que possam freqüentar as preciosidades e relíquias culturais do velho Japão.

Rogo, pois, a todos os presentes que comigo ergam suas taças para bebermos à felicidade pessoal do Excelentíssimo Senhor Presidente Geisel e Senhora e à prosperidade do grande povo brasileiro”.

Senhor Primeiro-Ministro,

Ontem, nas palavras com que agradei, a Sua Majestade o Imperador, a honrosa homenagem que prestava ao Chefe de Estado do Brasil, tive a oportunidade de salientar quão próximos se sentem os nossos povos, por simpatias naturais, não obstante a distância geográfica que nos separa e as diferenças históricas e culturais na formação de cada país.

Essas simpatias, espontâneas no plano do relacionamento entre nossos povos, encontram correspondência ao nível das relações entre os nossos Governos.

Tem sido norma de conduta de meu Governo encarar as relações internacionais com sereno pragmatismo, que nada mais deseja ser do que uma clara percepção da realidade para adequar os meios de ação aos objetivos nacionais, dentro de um quadro de referência que se confunde com a própria realidade brasileira.

Não me cabe interpretar a política externa japonesa. Na medida, porém, em que é próprio do esforço diplomático buscar coincidências de objetivos e estimular convergências de interesses entre as Nações, vejo nítidos os traços de aproximação entre nossas políticas.

Para países de grandes potencialidades, a complexidade do quadro internacional é um desafio à presença; não deve ser incentivo ao isolamento. E essa presença, no mundo de hoje, é, necessariamente, universal, ecumênica.

Ressalto como coincidência fundamental, em nossas políticas externas, o compromisso, em

**DISCURSO PRONUNCIADO
PELO PRESIDENTE DA
REPÚBLICA POR OCASIÃO DO
BANQUETE QUE LHE FOI
OFERECIDO PELO PRIMEIRO-
MINISTRO DO JAPÃO.**

**Adequar meios
aos objetivos**

Desafio à presença

Servir à causa da Paz

ambos os países constitucional, de servir à causa da paz. Nem se apartam nossos Governos no entendimento de que a paz é, também, outro nome da justiça, da segurança, do desenvolvimento, da liberdade com responsabilidade social.

Porque esses são os nossos objetivos, queremos que a paz prevaleça para toda a humanidade. E não cremos possa ela ser construída nem pela força nem por nobres ilusões. A ordem internacional duradoura não dispensará a convicção madura, por parte dos Estados, de que a cooperação é mais eficaz do que o antagonismo. Como, também, não poderá dispensar o comportamento consequente que terá de se caracterizar pelo irrestrito respeito recíproco entre os Estados, a não-interferência, a genuína consideração das vontades nacionais.

Nos entendimentos que tive com Vossa Excelência, Senhor Primeiro-Ministro, pude comprovar ampla margem de convergência nas preocupações fundamentais de nossos Governos.

Diplomacia de Paz

Como o Japão do pós-guerra, o Brasil segue uma diplomacia de paz, voltada para os interesses nacionais de desenvolvimento econômico e social, desprovida de preconceitos, preocupada com assegurar, às gerações presentes e vindouras, a segurança e a prosperidade a que fazem jus.

Tais objetivos levam-nos a assumir responsabilidades crescentes, na esfera internacional. Encaramos esse papel, com realismo e modéstia. Sabemos que essas responsabilidades envolvem exposição maior, decisões mais graves a tomar, riscos a enfrentar, mas que representam também maior margem de ação, mais amplas oportunidades de escolha, canais novos de expressão, em suma, ins-

trumentalidade mais variada para o exercício da vontade nacional.

Nesse sentido, as relações entre o Brasil e o Japão alcançaram, progressivamente, elevada importância política. Minha presença em Tóquio é um símbolo dos vínculos sólidos e duradouros que unem as duas Nações.

Por seus fundamentos e suas potencialidades, as relações entre nossos países inserem-se, necessariamente, numa perspectiva de longo prazo. Elas exigem, por isso mesmo, um entendimento pleno, de Governo a Governo, que preserve o diálogo em bases autenticamente nacionais. Nossa cooperação bilateral é e será profícua porque repousa em bases sadias e estáveis: uma cooperação entre parceiros livres que buscam o benefício comum. Essa colaboração tem sido isenta de conflitos e de temores porque se fundamenta no genuíno respeito de um país pelo outro. A confiança recíproca que tal espírito gerou preservará a associação entre nossos povos e nossos Governos.

Senhor Primeiro-Ministro,

A causa da paz reclama o diálogo. De nossa parte, a ele não nos temos furtado onde quer que nossa presença possa ser útil e propiciar ajuda.

Partilhamos com o Governo e o povo do Japão da convicção de que o mundo de agora é, de fato, "um mundo só". A interdependência entre os Estados não é apenas uma opção política — é uma condição de sobrevivência.

Sabemos, também, que a interdependência não deve significar renúncia à independência.

**Cooperação entre
parceiros livres que
buscam o benefício comum**

"Um Mundo só"

**Cooperação entre
nossos Governos
no plano internacional**

E que ela só é legítima quando fiel ao compromisso de justiça e de igualdade, que é a própria base da convivência internacional.

Sensíveis a essa realidade, nossos países investem-se de responsabilidade específica na construção da nova ordem internacional, uma nova ordem que seja verdadeiramente benéfica a todos os povos que ainda enfrentam a batalha árdua do desenvolvimento.

Por todas essas razões, a finalidade do diálogo entre Brasília e Tóquio não se esgota no plano dos interesses bilaterais e imediatos. Creio que, na esfera da política internacional, o Brasil e o Japão encontram reais motivos para o diálogo e entendimento construtivos.

Estou certo de que as conversações que mantivemos e ainda voltaremos a manter, fornecerão contribuição positiva à cooperação entre os nossos Governos no plano internacional.

O Japão desfrutou, sempre, de reconhecida capacidade de atuação no cenário mundial, compatível com as grandes responsabilidades que seu povo e seu Governo podem assumir. O mundo do futuro requererá, mais e mais, essa participação japonesa, em decisões que afetam toda a humanidade. Essa, a consequência irrecusável da projeção externa dos interesses nacionais.

Meu país é novo no plano universal. Conta-se por anos o período recente no qual a projeção dos nossos interesses nos levou a sentir que nada do que é humano, no plano universal, pode nos ser estranho. Mas chegamos a esse sentimento por um processo de conscientização progressiva e racional. Temos, por isso, como povo e como Governo, noção clara de nossas responsabilidades, objetivos e possibilidades. E estamos dispostos a vindicar a

**DISCURSO PRONUNCIADO
PELO PRESIDENTE DA
REPÚBLICA DURANTE O
ALMOÇO NO "NIPPON
PRESS CENTER", no
DIA 18 DE SETEMBRO DE 1976.**

**A verdade sobre a
impressão, o fato sobre a versão**

Meus Senhores,

É para mim grande honra ser o primeiro Chefe de Estado a falar neste recinto. Agradeço a oportunidade com que me brindam de aqui estar com os Senhores e de dialogar, através de intermediários tão qualificados, com o público japonês.

A grandiosidade deste edifício bem reflete a importância que a imprensa adquiriu no Japão, onde se encontra um dos mais ávidos públicos de jornal que possam existir. Esse in-comum afã coletivo na leitura de periódicos, se é uma recompensa para os Senhores, que trabalham profissionalmente na imprensa, não pode deixar de representar, também, um desafio. Acredito que muitos dos Senhores repartam comigo a convicção de que qualquer atividade orientada para o público, seja ela de natureza privada ou oficial, deve servir à sociedade, ao bem-estar e ao progresso do homem. Ora, nenhuma atividade humana mais de perto toca, influencia, modula o comportamento humano do que a transmissão de notícias. Onde, a imensa responsabilidade que repousa sobre a imprensa que, em sua constante luta contra o tempo, deve zelar por que prévaleça, sempre, a verdade sobre a impressão, o fato sobre a versão.

Tem meu Governo a maior preocupação pela verdade — a verdade econômica, a verdade política, a verdade social. Entendemos que o realismo da análise e o pragmatismo da ação constituem condições essenciais do progresso em qualquer campo. Por isso, procuramos não nos deixar iludir por preconceitos ou por automatismos de qualquer natureza.

Ontem, falando a empresários japoneses, pude evocar a racionalidade do tratamento, dado pelo Governo brasileiro, às questões

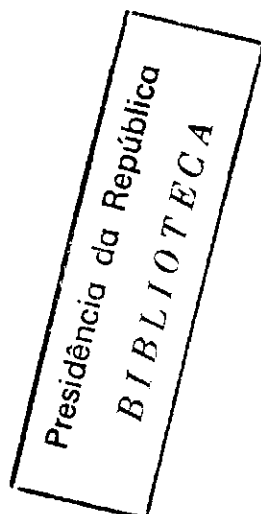
econômicas. Graças a isso pudemos, entre os países mais afetados pela crise do petróleo, conservar nos anos de 1974 e 1975 o crescimento positivo do produto interno bruto, em níveis até inalcançados por qualquer país industrial. Mantemos uma política econômica equilibrada, sem concessões à demagogia fácil, de um lado, nem ao conservantismo rígido, de outro — o que nos tem permitido lutar contra a inflação interna, mesmo quando nos afetem intensamente sérias perturbações mundiais. Uma cuidadosa gerência de dívida externa, articulada com programas de aumento da produção e da produtividade internas e de nossa capacidade de exportar, continuam a fazer de meu país um mercado confiável, para os investidores de todo o mundo. Uma política cambial realista mantém a adequada competitividade do nosso comércio exterior.

Idêntico espírito de equilíbrio e moderação domina o plano político e o da segurança. A Revolução brasileira foi e é uma Revolução restauradora. Restauradora do homem na liberdade e em sua dignidade. Estou persuadido de que o papel daquela Revolução foi e é o de criar condições para que o homem brasileiro possa efetivamente, com responsabilidade, realizar-se em toda sua força criativa. Como estou persuadido de que, assim procedendo, a Revolução o que está fazendo é construir, para o Brasil, o futuro de grande Nação moderna que lhe deve caber.

Para que esse resultado se alcance, temos de estar seguros de que a capacidade criadora de nosso povo não será tolhida, de fora ou de dentro, pelos inimigos da verdadeira liberdade e do verdadeiro progresso. A segurança é, hoje uma condição essencial para o desenvolvimento de qualquer país.

Assim como no econômico e no político, assim no social. Desejamos que o sentimento

Grande Nação Moderna



Novo papel com alto senso de responsabilidade

de participação no crescimento nacional seja de todos e de cada um, do homem do Norte como do homem do Sul, do homem do litoral como do homem do interior, do homem da cidade como do homem do campo, e, sobretudo, que permita, a todos os brasileiros, se sentirem mais perto uns dos outros economicamente e mais coesos, socialmente.

Tais preocupações que orientam meu Governo no plano interno, encontram justa contrapartida na política externa do país.

O crescimento atual do Brasil e suas grandes potencialidades para um futuro que já é próximo dão a meu país, no mundo inelutavelmente interdependente em que vivemos, uma projeção internacional à qual não pode ele se furtar. O Brasil enfrenta esse novo papel com alto senso de responsabilidade.

Com o mesmo espírito realista com que analisamos os problemas do crescimento interno, procuramos acompanhar o que se passa no cenário internacional, hoje ecumênico, e no qual somos chamados a atuar. Nossa atuação reveste-se, igualmente, da mesma preocupação pragmática que nos inspira o comportamento no plano interno. Guia-se pelo objetivo da promoção da paz e da concórdia entre as Nações, as quais só acreditamos duradouras se fundadas no respeito mútuo e na adesão efetiva aos princípios fundamentais da convivência entre Estados de soberania igual, da auto-determinação e da não interferência. Tais sentimentos, profundos na alma brasileira, fazem-nos repudiar tudo o que seja desejo de hegemonia entre Estados e de subordinação entre povos. Ao mesmo tempo, povo pacífico que somos, preferimos as soluções de negociação, de compromisso, de conciliação, às vitórias que derivam, afinal, do antagonismo e da luta. E buscamos, por isso, quer em nossas relações bilaterais, quer em nossos engajamentos mul-

tilaterais, valorizar a cooperação, em detrimento da confrontação. Sabemos difícil tal empresa, mas nosso compromisso é com o resultado real — desenvolvimento e paz que almejamos para a humanidade inteira como o queremos para o nosso povo, e não com simples aparência de progresso ou de segurança.

Meus Senhores,

Estas coisas, talvez não fosse necessário estar aqui a dizê-las. A imprensa japonesa sabe bem qual é o programa de meu Governo.

Do Brasil olhamos, também, com interesse o que se passa no Japão. Não obstante a geografia, que dificulta nossa aproximação, nos sentimos ligados e, até em muitas coisas identificados com este grande país. Talvez pela familiaridade com o modo de ser japonês que a presença de tantos descendentes nipônicos no Brasil acarretou. É que, embora eles sejam cidadãos brasileiros perfeitamente integrados com as causas nacionais, souberam conservar muitas das tradições que enriquecem seu passado cultural. Talvez, pela crescente associação de interesses econômicos, financeiros e comerciais entre japoneses e brasileiros. Como os Senhores sabem, o Brasil é hoje o quarto mercado mundial para os investimentos japoneses e, parceiro comercial, estamos à frente de um bom número de países industriais da Europa.

O quadro de ordem e de progresso que esbocei e a realidade dos sentimentos espontâneos de simpatia entre nossos povos auspiciam, para as relações nipo-brasileiras, um futuro promissor.

Tal, a convicção que eu queria transmitir aos Senhores, nesta oportunidade. E sou grato por me haverem permitido fazê-lo.

Dentro do espírito de diálogo que caracteriza este encontro, ponho-me à disposição dos Senhores para responder às perguntas que me queiram dirigir.

**DISCURSO PRONUNCIADO
PELO PRESIDENTE
ERNESTO GEISEL, DURANTE
O BANQUETE OFERECIDO
ÀS SUAS MAJESTADES
O IMPERADOR E A
IMPERATRIZ
DO JAPÃO, NO DIA
18 DE SETEMBRO DE 1976.**

**Vitalidade do novo
e a sabedoria do antigo**

**Inquebrantável confiança
em nosso destino**

Majestades Imperiais,

Estes dias em terra japonesa confirmaram minhas impressões iniciais — a hospitalidade discreta e afável, a naturalidade dos sentimentos de fraternidade entre japoneses e brasileiros, a riqueza cultural do povo japonês, sua extraordinária confiança no futuro e determinação em construí-lo.

Tudo no Japão está associado à preocupação com a justa medida, com a proporção, com o equilíbrio, dispensado qualquer excesso. Assim nas artes, inclusive nas quotidianas artes da cozinha e da etiqueta. Assim na filosofia da vida. Assim no comportamento econômico e social.

Esta é, penso, a herança que vosso povo soube conservar dos valores tradicionais da cultura japonesa e tão sabiamente conciliar com o influxo renovador de idéias ocidentais que, importadas, valorizam ainda mais outros aspectos da vida social japonesa. Veio, assim, o Japão de hoje a conseguir esse raro compromisso entre a vitalidade do novo e a sabedoria do antigo, e que lhe é tão particular.

O inegável êxito da revolução modernizadora do Japão, por si só, já poderia justificar a inabalável confiança que o japonês parece ter em que tudo pode ser conseguido desde que seja tentado. Essa confiança coletiva, a um tempo, revela e recria a unidade nacional, amalgamando o povo em torno de propósitos comuns.

O povo brasileiro não desconhece sentimentos afins. Não temos, nós, uma cultura milenar que nos seja própria e que haja produzido tesouros materiais ou espirituais a

preservar, embora — caldo de culturas diversas de maior ou menor projeção anterior no tempo — nos sintamos imersos em valores que transcendem nossa própria História. Mas temos, isso sim, inquebrantável consciência precisa de que a tarefa comum de construí-lo enriquecerá o espírito da Nação. A Revolução Brasileira também se propôs o desafio de construir um país moderno. E, a esse desafio, o povo brasileiro está respondendo à altura.

Tal paralelismo de atitudes facilita a compreensão e a cooperação entre nossos povos. Existe entre o Brasil e o Japão não apenas uma complementaridade de interesses mas, também, poderíamos dizer, compatibilidade entre as psicologias nacionais. A confiança que temos em nossas respectivas missões nacionais conduz-nos esforço de construção com determinação tal que não nos deixa ser presas de receitas apriorísticas nem de fatos consumados. Nesse sentido, somos ambos povos pragmáticos. Vemos nas adversidades, não um pretexto para vãs filosofias ou a inação, mas um desafio para vencê-las.

Majestades Imperiais.

O Mundo de hoje anuncia, talvez, uma nova civilização, que será certamente o resultado do tão adiado encontro entre o Ocidente e o Oriente. O encontro entre o Brasil e o Japão é o encontro entre essas culturas. Pelo exemplo que representa, tenho a certeza de que, ao enriquecer nossos dois povos, não deixa, também, de enriquecer a própria humanidade.

Peço a todos os presentes que comigo ergam as suas taças para brindar pela saúde e felicidade de Suas Majestades Imperiais e pela prosperidade do povo japonês.

Povos pragmáticos

7 — IMPRENSA

Não obstante à limitação conseqüente ao difícil entendimento do idioma japonês, foi mobilizado grande número de repórteres pela Imprensa brasileira, fato que possibilitou eficiente cobertura jornalística pelos principais veículos de comunicação.

As repercussões internas sentidas deram conta, unanimemente, do perfeito entendimento dos propósitos da viagem do Presidente da República, sendo que antes mesmo de seu regresso, os brasileiros já participavam das informações dos expressivos resultados obtidos.

A Imprensa japonesa inicialmente discreta, destacou crescentemente a visita do Presidente da República, à medida que se aproximava sua chegada.

Uma entrevista exclusiva à Rede de TV japonesa "NHK" levou a imagem do Presidente Geisel aos nipônicos, um dia antes de sua chegada ao Japão.

REPERCUSSÕES

Os principais veículos de comunicação dedicaram espaços consideráveis com matérias alusivas ao Brasil e à viagem do Presidente, notadamente os jornais diários, com tiragem aproximada de 35 milhões de exemplares.

Principal jornal econômico, publicou um suplemento de 14 páginas relativo ao Brasil e suas características diversas, com fotografia do Presidente da República ao alto da primeira página.

Diário editado em inglês de tiragem pouco expressiva, dirigido especialmente a assinantes do exterior. Publicou suplemento especial de 8 páginas enfocando aspectos históricos do Brasil, até aos dias atuais, com fotografias do Presidente na primeira página.

Jornal de maior penetração de massa, com edição matutina (7 milhões de exemplares) e vespertina (4,5 milhões) perfazendo o total de 11,5 milhões de exemplares diários. É atualmente o de maior tiragem no Japão. Suas reportagens relativas à cooperação Brasil-Japão não foram marcadas pela quantidade dos espaços destinados, mas pela frequência com que apareceram.

É considerado o principal jornal japonês, também com edição matutina (6,8 milhões) e vespertina (4,4 milhões) somando a tiragem diária de 11,2 milhões de exemplares.

Destacou a presença do Presidente Geisel e as repercussões de sua visita em várias reportagens e artigos.

"A presença de um homem austero, porém amável, e honesto nas afirmativas e na crítica dos problemas do mundo, agradou o povo nipônico — que assim ficou conhecendo a existência do Brasil — amante pela conservação, que a guerra não modificou, do espírito de seriedade que possui no Imperador o

NO JAPÃO

Nihon Keizai Shimbun

Japan Times

Yomiuri Shimbun

Asahi Shimbun

NO BRASIL

Jornal do Comércio

Correio Braziliense

símbolo tradicional. Segue-se o critério político manifestado em todas as entrevistas pelo Presidente Geisel, falando a jornalistas argutos e de tendências diversas livres, em face da liberdade de imprensa reinante no País. Não fugiu a qualquer pergunta, não tangenciou respostas, como é de vazo entre governantes em vésperas de eleições. Foi em tudo objetivo, mesmo quando para justificar o regime brasileiro da revolução de 64." (JC-26.9.76)

"Ao regressar hoje ao Brasil o Presidente Geisel concluiu com êxito marcante as amplas negociações levadas a efeito na viagem oficial que empreendeu no Japão e que para perplexidade de algumas nações aproximou ainda mais pela legitimidade de interesses e pelo volume de trocas a ser mantido, a médio e curto prazos, dois povos já totalmente amadurecidos para um profundo entendimento nos planos econômicos e culturais.

Os registros telegráficos procedentes de países que mantêm interesses comerciais com o Japão, dão conta de uma constrangedora inquietação nascida das opções que o mercado japonês efetivou em relação ao Brasil e que estavam consideradas sob regime cativo, em favor de outras nacionalidades.

O Chefe do Governo brasileiro retorna na esteira de uma vitoriosa atuação, fazendo-se credor, com a admiração e com o respeito de todos os brasileiros, de um título de moderno cruzado, que elegeu objetivos elevados e os alcançou, um por um, conciliando interesses definitivos para consolidar um forte entrelaçamento econômico entre o Brasil e o Japão." (CB-21.9.76)

O Globo

"Aproveitando três horas de viagem de trem até Quioto, e atendendo a um pedido do as-

señor de imprensa Humberto Barreto — a quem, bem humorado, classificou de um dos "ditadores" que o cercam — o Presidente Geisel dedicou ontem uma hora e meia conversando com jornalistas. Primeiro recebeu rapidamente os convidados especiais da viagem. Depois, conversou separadamente, por mais tempo, com três repórteres: Merval Pereira Filho, do Globo, Costa Manso, do Globo e TV Globo, e Liana Sabo, do "Correio Braziliense."

Não deixou de responder a perguntas sobre a situação interna do país — que, na entrevista coletiva da véspera estavam vetadas — e deu, pela primeira vez, desde que assumiu o governo, um amplo panorama de seus planos para o futuro da política brasileira.

Na parte referente à anistia política, um tema delicado que nunca antes tivera uma definição oficial por parte do Governo, Geisel disse que é um homem sem rancores e frisou:

— Estou falando isto honestamente, de coração aberto." (OG-20.9.76)

"Descontraído e desarmado, no trem que o levava a Quioto, o presidente Geisel deixou entrever, pela primeira vez desde que ocupa a chefia do Governo, a sua verdadeira face. E ela não coincide muito com a imagem construída a partir dos discursos oficiais, manifestações policiadas pelo grupo de "ditadores" que o cerca, em que são pesadas, contadas e medidas as palavras, para que produzam exatamente os efeitos desejados.

Folha de São Paulo

A conversa franca mostrou o homem curvado sob o peso das responsabilidades do cargo, saudosos da liberdade do cidadão comum e angustiados por uma dúvida fundamental sobre as possibilidades de êxito depois de tantos sacrifícios. Diferente, contrastante

mesmo com o estereótipo dos líderes de governos revolucionários, auto-suficientes, emproados e com soluções prontas para qualquer tipo de problema.

Em meio a confissões democráticas do mais alto nível — como a afirmação de que o poder deve ser exercido pelos partidos e por isso ele se empenha em fortalecê-los — e a colocações políticas pragmáticas, como na recusa de uma nova Constituição, que provavelmente não seria cumprida, o presidente expôs pontos de vista no mínimo discutíveis." (FSP-21.9.76)

O Estado de São Paulo

"O País dá hoje as boas-vindas ao presidente Geisel, que volta de sua exaustiva mas gratificante excursão ao Império do Sol Nascente. Do inegável saldo positivo da viagem falam alto as negociações dos contratos de venda de minério e "pellets" de ferro, de investimentos para o projeto integrado Albrás-Alunorte, para exportações brasileiras e para execução do projeto do porto de Praia Mole, que atingem cifra superior a 12,5 bilhões de dólares, além de outras, ainda em fase de estudo, relacionadas a concessão de empréstimo ao BNDE para assistência ao setor privado nacional na compra de máquinas, equipamentos e serviços japoneses, ao lançamento de títulos oficiais brasileiros no mercado de Tóquio e à formação de um consórcio de bancos nipônicos destinado a coordenar empréstimos a empresas nacionais que desenvolvem projetos prioritários. Mas não falam menos alto as tomadas de posição de S. Exa. quanto à sua concepção do Brasil, seja como ente moral de direito público interno, seja como peça do xadrez político internacional, e quanto à sua concepção liberal não só das relações econômicas mas também das relações políticas entre os cidadãos e o Estado." (O ESP-21.9.76)

"Uma salva de 21 tiros, parcialmente abafada pelo ronco dos aviões na pista, saudou o presidente, e iniciava-se ali a maratona de cinco dias que haveria de selar, no seu final, um dos mais altos lances do comércio internacional brasileiro.

O clima para as negociações e o quanto se esperou delas já haviam sido anunciados nos dias anteriores, com estardalhaço, nas astronômicas tiragens dos jornais japoneses. "O Brasil a caminho de se tornar uma grande potência do século XXI," dizia a manchete do "Asahi Shimbun" (11 milhões de exemplares)". (Veja n.º 420)

"Temos de reconhecer, antes de mais nada, que o Brasil chegou atrasado ao Japão. Ficamos durante muitos anos arranhando como caranguejos os guichês dos banqueiros americanos e europeus, esquecidos de uma enorme potência, lá no Extremo Oriente, que emergia para impor-se no cenário mundial, ao longo dos últimos trinta anos.

Foi um tempo precioso este que se perdeu pela falta de visão de alguns homens, pelo comodismo de outros, pela ignorância de mais alguns, ou simplesmente pela incúria dos que achavam mais vantajoso, mais fácil e mais rápido, o trabalho de obter empréstimos e financiamentos, em vez de fazer negócios e vendas." (Manchete n.º 1276).

Veja

Manchete

ENTREVISTAS**ENTREVISTA DO PRESIDENTE
ERNESTO GEISEL CONCEDIDA
À NHK, EMISSORA OFICIAL
DE TELEVISÃO JAPONESA**

1 — Senhor Presidente, gostaria de saber de Vossa Excelência quais os pensamentos ou perspectivas que tem com relação ao Japão, particularmente na véspera de seu embarque para esse país?

Considero o Japão uma grande nação. Não só pela sua população numerosa, que demonstra grande espírito cívico e capacidade de trabalho, como pelo desenvolvimento econômico que atingiu. O Japão é um dos países mais desenvolvidos do mundo, que dispõe de alta tecnologia e que se projeta também no âmbito internacional, por seu relacionamento amistoso com outros países e por seu permanente interesse pela paz e entendimento entre os povos.

O Brasil é bastante diferente em certos sentidos: tem grande extensão territorial, com população da ordem de 110 milhões de habitantes, mas que ainda não atingiu plenamente o grau de desenvolvimento que deseja. O Brasil é uma nação emergente, que luta para se desenvolver, mas que tem grandes possibilidades, sobretudo como supridor de matérias-primas e produtos alimentícios e como campo para emprego de recursos tecnológicos e de investimento.

Acho, assim, que os dois países podem se complementar, ajudando-se mutuamente, no campo econômico, no campo cultural, e também no campo da cooperação internacional, porque a nós também, aqui no Brasil, animam os mesmos propósitos de paz e de bom relacionamento entre os povos.

Aí estão as principais idéias que formulo na véspera de empreender esta viagem ao Japão.

2 — Gostaria, finalmente, de conhecer o desejo de Vossa Excelência, com relação à concretização dos projetos de grande porte no Brasil, que estão sendo planejados com a colaboração do Japão.

O Japão tem hoje em dia vários empreendimentos em associação com o governo e empresas brasileiras. Alguns desses empreendimentos estão inteiramente implantados, com resultados altamente positivos, como por exemplo a ISHIBRAS, no campo da construção naval, e a USIMINAS, na área da siderurgia.

Há outros empreendimentos em fase de execução, na área da produção de celulose, como a CENIBRA e a FLONIBRA, bem como na produção de pelotas de minério de ferro, em associação com a Companhia Brasileira Vale do Rio Doce.

Há ainda outros empreendimentos em fase de projetos, alguns já aprovados, outros em fase de estudos, empreendimentos grandes, que certamente trarão excelentes resultados, tanto para o Brasil, como para os investidores japoneses. Desejo referir-me de forma especial a um projeto na área do alumínio, a ser executado na região amazônica e a um projeto siderúrgico em Tubarão.

Há projetos agrícolas na zona do cerrado brasileiro e muitos outros. Acredito sinceramente que todos esses projetos se realizem plenamente e venham a constituir um marco importante para o Japão, como país investidor e exportador de tecnologia, e para o Brasil, pelo desenvolvimento que nos trará. Grande parte da produção gerada pela implantação desses projetos será aproveitada em negociações ou na importação pelo próprio Japão, conforme vimos fazendo há algum tempo, o que aumenta as possibilidades de seu pleno êxito.

Antes de encerrar esta entrevista, quero aproveitar a oportunidade para transmitir pela televisão ao povo japonês as minhas saudações mais cordiais.

**ENTREVISTA DO PRESIDENTE
TOSHIO DOKO E DO DIRETOR
DO DEPARTAMENTO
INTERNACIONAL KASUO
NUKAZAWA, DA KEIDANREN**

— A maior associação de
empresários do Japão e
uma das mais poderosas
do mundo, no gênero —

**A JORNALISTAS BRASILEIROS.
(JB-14.9.76)**

P — De acordo com os jornais, houve certas dificuldades dos empresários japoneses com a comissão brasileira que esteve na Keidanren na semana passada...

Toshio Doko — Eu também tive esta impressão. Impressão de que não há comunicação, pelo menos muito boa, entre o Governo e as empresas privadas brasileiras. Como se sabe, esse foi o segundo encontro da Comissão de Cooperação. O primeiro foi no Brasil, há tempos. Os japoneses têm a melhor intenção de colaborar com seu investimento no Brasil.

Mas, parece que do lado brasileiro ainda não se chegou ao entrosamento perfeito, a uma idéia comum do que fazer. Não havia muita comunicação entre os representantes das diversas empresas. E eram todos do setor de maquinaria. Mas devo esclarecer que fui apenas observador desses encontros.

Kasuo Nukazawa — Realmente, nós notamos muito essa falta de comunicação entre o Governo e os empresários brasileiros.

P — E a que atribui-la?

Kasuo Nukazawa — Não sei. O Brasil é muito grande. Talvez seja difícil a comunicação entre as empresas do Sul e Brasília...

P — Essas dificuldades atrapalharam os acordos que devem ser assinados durante a visita do Presidente Geisel?

Toshio Doko — Eu acho que não foram obstáculos. É preciso não esquecer que as coisas a serem tratadas durante a visita do Presidente Geisel e as que foram discutidas com a Comissão estão em níveis muito diferentes. O que aconteceu com os trabalhos da semana passada é que, embora nós tenhamos a melhor boa vontade para investir no Brasil, is-

so não quer dizer que estejamos dispostos a ir de qualquer maneira, sem antes verificar o mercado, inclusive também do ponto de vista do Brasil. O que adianta, por exemplo, os japoneses levarem para lá algo como investimentos no setor têxtil, que o Brasil já tem. Para fazer concorrência ao que já existe? Não queremos provocar competição desnecessária.

Kasuo Nukazawa — É claro também que os projetos que devem constar dos acordos a serem assinados na visita do Presidente não foram discutidos propriamente com os empresários. Eles vêm sendo discutidos entre os homens de negócios japoneses e o Governo brasileiro, e entre o Governo japonês e o Governo brasileiro.

O que nós tentamos foi explicar à comunidade privada brasileira, resumidamente, esses projetos que estavam sendo negociados, pois parece que os empresários não estavam informados perfeitamente. Foram só breves explicações. Não caberia a nós, explicar tudo detalhadamente, pois os grandes projetos a Keidanren está negociando, junto com o Governo japonês, com as empresas estatais brasileiras e as autoridades do Governo brasileiro. Os empresários brasileiros não estavam envolvidos neles.

P — Casos como o dos maus investimentos japoneses no Banco Halles e no Grupo Lume afetaram a confiança dos empresários aqui?

Toshio Doko — Nós temos uma visão muito realista do setor financeiro de um país em desenvolvimento. Essas são coisas naturais. Nós não perdemos a confiança por causa disso.

P — Qual é o fator mais importante para o investidor japonês manter a confiança no mercado de um país?

Toshio Doko — A estabilidade política. Sem dúvida a estabilidade política. A instabilidade política é o que mais afasta o investidor japonês, que o faz vacilar. No caso do Brasil, por exemplo, no caso da agitação que houve antes de 1964, com a tendência para a esquerda, nos afastou muito do Brasil.

P — No entanto, o Japão está desenvolvendo o comércio com países comunistas, como a China e a URSS...

Toshio Doko — Não é a filosofia política que nos interessa. É a estabilidade política. Se for estável, qualquer regime pode atrair capitais japoneses. É claro que desde que ele não nos invada, por exemplo.

P — Há queixas de empresários japoneses sobre as condições em que têm de investir no Brasil?

Toshio Doko — Não são queixas propriamente, são condições que poderiam melhorar até para o Brasil a situação dos investimentos japoneses. Por exemplo, se o mercado de ações brasileiro fosse mais desenvolvido, nós poderíamos colocar no mercado ações de empresas japonesas. Bastaria criar condições para que as empresas participassem do mercado. Não se trata exclusivamente de conceder aos investidores japoneses os financiamentos do BNDE. É preciso entender que a intenção do japonês não é açambarcar o mercado brasileiro. Por isso, não foram aceitas propostas como a de investir em papel, porque o Brasil tem papel. Se houvesse um mercado de ações mais desenvolvido as ações das empresas japonesas que estão no Brasil poderiam estar nas mãos dos acionistas brasileiros. Nossa política não é de controle do mercado.

P — Os capitais japoneses se entendem melhor com as empresas estatais ou com as empresas privadas brasileiras?

Toshio Doko — Não é que a gente prefira as empresas estatais. É que, em muitos casos, as empresas privadas brasileiras ainda não atingiram a maturidade a dimensão em setores nos quais estamos investindo. Onde existe a empresa privada, nós também nos associamos a ela. O caso da Usiminas é um exemplo: um setor em que nós nos associamos desde o início, fomos uma espécie de pioneiros.

P — O Brasil tende a melhorar sua posição relativa como receptor de capitais japoneses?

Toshio Doko — O Brasil está melhorando sempre a sua posição. O Brasil pode ocupar, no futuro, o primeiro lugar.

Kasuo Nukazawa — O Brasil já está em segundo lugar, na verdade. No período de 1960 a 1975, do total de investimentos japoneses na área dos países em desenvolvimento, o Brasil teve 13,1% dos investimentos japoneses. A Indonésia teve 14%. Em 1973, o Japão foi o primeiro investidor no Brasil.

Em 1975, com 2,3 bilhões de dólares, nossos investimentos no Brasil aumentaram 201%.

Toshio Doko — O Brasil pode perfeitamente passar ao lugar da Indonésia. O Brasil pode ocupar o primeiro lugar.

P — Por quê essa tendência? As vantagens têm sido satisfatórias?

Toshio Doko — Nossa filosofia de investimento no Brasil não é tirar o maior lucro possível. Nós queremos realmente participar do crescimento econômico do Brasil. Nós acreditamos no futuro do Brasil e queremos chegar lá a tempo.

P — Nesse caso, por que estão sendo recusadas? Por que os japoneses não quiseram investir, por exemplo, no programa de desen-

volvimento do cerrado, nas dimensões em que o Brasil sugeria?

Toshio Doko — Não estamos vacilando. O problema é que nós queremos pesquisar a fundo a natureza do solo no cerrado, de que não temos qualquer experiência prévia. Não é que tenhamos recuado. A área inicial do projeto foi limitada para que possamos experimentá-la primeiro.

P — Quer dizer que ainda há incertezas sobre esse projeto do cerrado?

Kasuo Nukazawa — Não há incerteza nenhuma. Já estamos com as conclusões prontas. Vamos começar o projeto numa área de 50 mil hectares. Depois, podemos estender para 300 mil hectares. Mas, os brasileiros queriam que nós começássemos com 1,5 milhão de hectares. Nós já estudamos o solo do cerrado e não temos mais dúvidas agora sobre a viabilidade técnica do projeto. Sabemos que será preciso muito cal para neutralizar a acidez da terra.

P — E o projeto do Porto de Praia Mole, por que está ainda em aberto?

Toshio Doko — Este projeto é muito novo. Nós só viemos a saber dele há um mês, quando o Ministro Komoto esteve no Brasil. Como poderíamos estudar um projeto em apenas um mês?

P — Por que os japoneses não estão concordando com os termos propostos pelos brasileiros para o financiamento?

Kasuo Nukazawa — Os investidores japoneses também têm de negociar no seu próprio país as condições em que levantam os financiamentos. Não é tudo dinheiro deles. Eles precisam tirar nos bancos. Oitenta por cento vêm dos bancos. Ele não pode investir esse dinheiro de qualquer maneira. São

projetos muito grandes. Se vão à garra, todas as empresas que participam dele quebram. Eles têm prazos para pagar os financiamentos e taxas de juros fixadas — não podem aceitar retornos que não correspondam a eles. O Governo é a mesma coisa, quando ele usa o dinheiro do contribuinte, precisa explicar à Dieta, precisa explicar ao contribuinte. Tudo que precisamos ter é a certeza do **timing**.

P — E o investimento no alumínio do Pará?

Kasuo Nukazawa — Temos um projeto semelhante na Indonésia que estudamos há 13 anos. Projetos grandes como esses pedem muito tempo de estudo. Envolvem muitos bilhões de dólares e não podem correr riscos.

P — E há incertezas quanto à economia brasileira?

Kasuo Nukazawa — Não. Considerada numa perspectiva de longo prazo, a economia brasileira é um investimento muito seguro. Nós precisamos ter segurança é do **timing**.

P — Então, e o projeto do alumínio?

Kasuo Nukazawa — Já está 80% decidido. Digamos que ainda há 20% que os empresários japoneses precisam estudar e definir. Amanhã mesmo, e na quinta-feira, comissões aqui na Keidanren estão tratando dos últimos detalhes. Até o Presidente chegar ainda temos tempo para concluir.

P — Por fim, Sr. Toshio Doko, qual era a sua intenção ao dizer, recentemente, aos jomais que para ajudar outro país é preciso que o Governo mantenha as rédeas soltas? Os empresários estão sendo mais ousados do que o Governo japonês permite?

Toshio Doko — Realmente, o empresário japonês é suficientemente amadurecido para que o Governo fique mantendo as rédeas cur-

**ENTREVISTA COLETIVA
CONCEDIDA PELO
PRESIDENTE GEISEL A
JORNALISTAS JAPONESES,
NO ALMOÇO OFERECIDO
PELO NIPPON PRESS CENTER,
CLUBE DE IMPRENSA NO
JAPÃO.**

tas. Nós podemos resolver nossos problemas. E podemos fazer isso.

P — O Brasil tem conseguido um progresso econômico já batizado de "milagre brasileiro". Entretanto após a crise do petróleo, o saldo do balanço de pagamentos do Brasil tem sido negativo nos últimos dois anos. Gostaríamos de saber, de Vossa Excelência, se além das medidas restritivas de importação que o Governo brasileiro tomou para sanar este problema, existem, outras em mente e se essas medidas restritivas de importação terão continuidade.

PRES. GEISEL — A nossa economia se adapta às condições que o mundo de hoje vive. Evidentemente a crise do petróleo e a crise geral que se instalou no mundo implicaram em modificações no procedimento econômico do Brasil.

— A nossa economia teve que se adaptar às novas contingências. E entre os problemas que logo surgiram, estão os que se relacionam com o balanço comercial de pagamentos. De um lado, redobramos nossos esforços no sentido de aumentar o volume e o valor de nossas exportações; o que não tem sido fácil, pois muitos dos mercados, afetados pela mesma crise, se fecharam aos produtos que vendíamos usualmente.

— Não obstante, graças a esse esforço que se realiza, o valor das exportações — seja em 1975, seja no corrente ano — continua crescendo. Por outro lado, tivemos que adotar certas medidas de restrições às importações, sobretudo de produtos considerados superfluos. Ao mesmo tempo, empreendemos um programa que teve em vista a produção interna do País de matérias-primas de que necessitávamos, principalmente de insumos básicos.

— Procuramos particularmente desenvolver a produção de metais não-ferrosos e de fertilizantes. Em consequência dessas medidas, a situação de nosso balanço comercial está progressivamente melhorando, com perspectivas de, nos próximos anos, atingirmos o equilíbrio. É claro que essas medidas, principalmente as restrições, nós as consideramos medidas temporárias e, assim que as condições do balanço de pagamentos o permitirem, tais restrições serão eliminadas.

O resultado das medidas adotadas, se traduziu objetivamente na manutenção, ou mesmo no crescimento da confiança internacional sobretudo no setor financeiro. Essa confiança se traduz principalmente no aumento, sobretudo nos últimos meses, das nossas reservas cambiais. Essas reservas, que tinham decrescido no ano de 75, agora em 76 voltaram a subir e se situaram um pouco acima de 4 bilhões de dólares.

— É claro que, em consequência dessas medidas, o ritmo de nosso crescimento tende a diminuir, o que corresponde aos objetivos que temos em vista. O Brasil, que vinha crescendo a taxas de dez por cento ou pouco mais, diminuiu esse crescimento em 1975 para um taxa de 4 a 5 por cento, e este ano possivelmente a taxa será mantida em torno desse mesmo valor.

— Presentemente, estamos com o foco de nossas preocupações já não tanto no balanço de pagamento, mas sim no novo surto inflacionário que se verificou no país. Estamos assim preocupados em adotar medidas que possivelmente, se refletirão no crescimento de nossa economia, mas que serão necessárias para evitar que essa inflação continue crescendo. Ao contrário, estamos nos esforçando para reduzi-la a índices bem menores dos que estão se verificando nos últimos meses. São

três problemas que se conjugam: o do crescimento econômico, o do balanço de pagamentos e o da inflação.

— As medidas do Governo visam atender a esses três problemas, dentro de uma contingência que decorre em grande parte da situação internacional. Estamos, entretanto, convencidos de que as dificuldades atuais e que vem se manifestando principalmente a partir da crise de preços do petróleo, é transitória e que temos a possibilidade de vencê-la. De um lado, pela nossa capacidade de trabalho. De outro, pelo potencial extraordinário de que o País dispõe. E finalmente, pela cooperação internacional que não nos tem faltado, notadamente de países, como a que se verifica presentemente aqui no Japão.

— Estamos convencidos assim que, embora tenhamos que lutar (e a luta exige esforço, dedicação e perseverança), chegaremos fatalmente a um bom resultado.

P — Há setores que estão praticamente dominados pelas empresas estatais. Por outro lado, como no caso da indústria automobilística, há setores em que predominam os capitais estrangeiros. Dentro deste contexto, gostaríamos de saber quais as medidas que seu Governo têm adotado para com as empresas estrangeiras e multinacionais.

PRES. GEISEL — No Brasil, existem realmente empresas estatais — nós chamamos sociedades de economia mista — destinadas principalmente à infra-estrutura do País. Refiro-me particularmente às estradas de ferro, ao setor de transportes, portanto, ao setor de energia e ao setor de comunicações, sobretudo telecomunicações.

— O País é extraordinariamente grande — dispomos de mais de oito milhões e meio de

quilômetros quadrados — e o equipamento desse território de infra-estrutura, é um problema vasto, dispendioso e complexo. Extraordinariamente importante. Essa é a razão por que esse setor ficou afeto ao Governo, uma vez que a iniciativa privada possivelmente não teria condições de realizá-la, seja pelos recursos necessários, seja pela baixa rentabilidade que essa infra-estrutura por muito tempo proporciona ao capital empregado. Nesse quadro da infra-estrutura, muito raramente as empresas do Governo ou empresas estatais interferem; há casos, em que, como no dos produtos siderúrgicos e de produtos planos, o Governo participa com recursos elevados, porque a empresa privada não tem condições.

— Afora esses casos que mencionei, praticamente toda atividade econômica — dos setores primário, secundário ou terciário — é da iniciativa privada e recebemos a participação do capital estrangeiro.

Consideramos essa participação muito útil e necessária, seja pelo porte de capital que ela traz, mas também e principalmente pela tecnologia que ela nos proporciona.

— O programa do Governo que está em vigor prevê um relativo equilíbrio dos investimentos das empresas do Governo, das empresas privadas nacionais e das empresas estrangeiras. Muitas vezes, esses três setores (Governo, empresas privadas nacionais e empresas estrangeiras) se interligam, formando empresas conjuntas, como ocorre em várias empresas que nós temos com entidades japonesas, muitas empresas no setor de petroquímica e outras. A orientação é estabelecer o equilíbrio entre os vários tipos de investimento, evitar os antagonismos entre eles e tanto quanto possível harmonizá-los.

— Com relação ao capital estrangeiro, não estabelecemos restrições especiais. É que

procuramos sempre orientar os investimentos estrangeiros para setores em que o capital nacional não esteja em condições de atender e também de forma que não se estabeleça uma competição ruínosa para a empresa nacional.

P — Qual é a posição do Brasil com relação ao problema Norte-Sul e no Grupo dos 77?

PRES. GEISEL — O Brasil faz parte realmente do Grupo dos 77, mas esse grupo atualmente acho que já é superior a 100. Esse grupo não é homogêneo em que países apresentem condições absolutamente iguais. Há países mais pobres, há países menos pobres, há diferentes graus de subdesenvolvimento, ou de estágios de desenvolvimento. É possível que, dentro desse grupo, o Brasil seja um dos países de melhores condições quanto à fase de procura do desenvolvimento. Mas todos nós temos, em conjunto, um problema essencial que é um desenvolvimento muito baixo. A nossa renda, em função da população de que dispomos, ou nossa renda per capita, é muito baixa, fato esse que nos diferencia essencialmente dos países altamente industrializados, ou países desenvolvidos, o que faz com que se use a expressão de antagonismo entre norte e sul.

— Nós acreditamos que a posição do Brasil é a posição dos 77. Entretanto, não cultivamos esse antagonismo como sentimento radical. Somos partidários do entendimento. E acreditamos que o desenvolvimento depende em grande parte do nosso próprio esforço.

— Mas depende também muito da compreensão dos países desenvolvidos e do auxílio que eles podem prestar, seja através da tecnologia, seja através de um comércio mais justo, para que esses países subdesenvolvidos possam crescer economicamente.

P — O Brasil não participa do cartel dos países exportadores de minério de ferro? Mas

o Brasil é favorável à formação de cartéis para recursos naturais, e se não é favorável, por que?

PRES. GEISEL — São duas partes. Vejamos primeiro a que se refere aos cartéis, a intenção ou objetivo relacionados com cartéis de minério de ferro. O Brasil em princípio é contrário à formação de cartéis. E a política tradicional que o País tem adotado na organização de países produtores de produtos comuns é dialogarem entre si. O objetivo que se tem em vista é atingir um adequado entendimento, entre produtores e consumidores, com uma dupla finalidade: de um lado, assegurar uma remuneração adequada aos produtos que se vendem. Evitar o aviltamento dos preços desses produtos por uma concorrência ruinosa. Mas, de outro lado, evitar também que o consumidor sofra as consequências de uma alta de preços artificial exagerada. Isso corresponde à política brasileira de resolver seus problemas pelo entendimento. O Brasil tem procedido assim, no caso de produtos como café, por exemplo, estabelecendo um acordo internacional entre países produtores e países consumidores.

— Política idêntica adotamos com relação ao cacau e na política latino-americana do açúcar. Com relação ao cartel internacional de minério de ferro, o Brasil não participa da Organização. Está apenas como observador. Até hoje não ingressou formalmente nessa organização; justamente porque seu espírito fundamental é contra a cartelização. O Brasil só ingressaria nessa Organização como membro efetivo se a concorrência ou as condições de mercado se apresentarem de tal forma que o baixo preço venha a constituir um real prejuízo para o País.

O Brasil não participa da OECD porque o Brasil ainda se considera um país em desenvolvimento. Como já disse anteriormente, nossa posição está mais ao lado do Grupo

dos 77. Nossa posição dentro da OECD seria, evidentemente uma posição falsa. Nós teríamos o inconveniente de estarmos em uma companhia em que a posição nossa seria evidentemente muito inferior e perderíamos a posição solidária do Grupo que, como nós, luta pelo desenvolvimento.

P — Qual é a atuação até o presente momento da ALALC e da SELA?

PRES. GEISEL — A ALALC é uma organização do comércio latino-americano. Ela em si não é um fim. É um meio. É um processo, dentro dos países latino-americanos, para o incremento de suas relações comerciais.

— Os resultados colhidos nestes 15 anos que a organização já completou estão sendo realmente vultosos e têm se caracterizado por um crescimento muito grande do comércio dos Países da América Latina. É evidente que a organização não tem um caráter exclusivista. A margem das relações que se estabelecem dentro da organização da ALALC, subsistem as relações entre os diferentes países da América Latina e destes com os demais países do mundo. Apesar das naturais dificuldades que a vida de uma organização como esta apresenta, pelos conflitos de interesse que muitas vezes surgem, e que é preciso que sejam resolvidos adequadamente, eu considero a organização como proveitosa e atingindo efetivamente os resultados correspondentes à concepção original que deu origem à sua constituição.

— A SELA é uma organização nova, recentemente implantada, funcionando com sede na Venezuela, em Caracas, que aprovou seu primeiro programa há poucos meses, mas que permite, pela orientação que tem sido adotada, chegar-se a bom resultado, sobretudo promovendo empreendimentos industriais de

natureza agrícola em conjunto dentro de vários países. A programação estabelecida, embora ainda apenas em início de execução, permite uma previsão otimista sobre os resultados que poderá obter.

No Gaimusho — O Ministério Japonês dos Negócios Estrangeiros — o chanceler Zentoro Kosaka disse ter ficado satisfeito com as explicações que a delegação brasileira deu para a política de restrições às importações e disse de que forma seu governo imagina que o Brasil e o Japão poderiam atuar para resolver o problema das relações Norte-Sul, "cada um dentro da sua área de influência, fazendo com que os desenvolvidos e os países em desenvolvimento compreendam os problemas uns dos outros".

Zentoro Kosaka falou ao repórter logo depois do segundo e último estágio da reunião consultiva interministerial, da qual participaram os ministros de Estado que integram a comitiva presidencial brasileira e os titulares das Pastas correspondentes do lado japonês.

Indagado sobre o exato sentido da sugestão que o primeiro-ministro Takeo Miki fez ao presidente Geisel, sobre a mediação dos dois países no diálogo Norte-Sul, o chanceler japonês disse que o problema das relações entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento é hoje dos mais sérios do mundo. As dificuldades que já existiam no passado persistem no presente. Para eliminá-las, continuou, é preciso que cada lado se coloque no lugar do outro, que cada lado entenda os problemas do outro. Se cada lado se volta apenas para dentro de si mesmo, pensa apenas em seus próprios problemas e interesses, não há possibilidade de solução para o conflito Norte-Sul.

Por isso — continuou — seu governo entende que deve haver intermediários que possam

**ENTREVISTA EXCLUSIVA QUE
CONCEDEU A O ESTADO DE
S. PAULO, O MINISTRO DOS
NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
DO JAPÃO, ZENTORO
KOSAKA.**

sensibilizar os dirigentes de cada um desses grupos de países para a necessidade de um acordo geral.

O Japão, prosseguiu o chanceler Zentoro Kosaka, é hoje industrializado. Mas há trinta anos, imediatamente depois da Segunda Guerra, era um país derrotado, com sua indústria arrasada.

O Brasil, por sua vez — prosseguiu — dispõe de grandes recursos naturais e de grande potencialidade de desenvolvimento futuro.

Os dois países, portanto, graças a essas características, situam-se quase naturalmente numa posição intermediária e podem, por isso, entender com mais facilidade os problemas de cada parte, do Norte e do Sul.

“Foi isso — acrescentou — que o primeiro-ministro Takeo Miki expressou ao presidente Ernesto Geisel. Disse que o Brasil e o Japão sentem os problemas do Norte e do Sul e podem, assim, usando de sua influência — o Japão, entre os países industrializados, o Brasil, entre os países em desenvolvimento — fazer com que um lado compreenda os problemas do outro.”

Sobre a forma concreta de atuação de ambos, respondeu: “Eles podem atuar nos foros internacionais existentes, nas Nações Unidas, por exemplo, nas conferências da ONU para Comércio e Desenvolvimento (Unctad), bem como nas suas relações bilaterais. Acredito que o Brasil e o Japão, fortalecendo sua amizade como estão fazendo e mantendo troca continuada de informações, estarão ao menos contribuindo para a solução desse problema internacional.”

A respeito da política brasileira de restrições às importações, por ele próprio criticada anteontem na instalação de reunião consultiva Brasil-Japão, o chanceler nipônico declarou:

"Essas restrições, de acordo com as explicações fornecidas pela parte brasileira, são temporárias, não têm caráter permanente.

Com a melhora da situação do balanço brasileiro de pagamentos, o Brasil levantará as restrições. Por isso, estou satisfeito com as explicações. Mas se posso expressar uma opinião particular, direi que se o Brasil necessita importar produtos indispensáveis ao seu desenvolvimento, também deve procurar fornecer produtos mais baratos ao povo brasileiro. Espero, por isso, que as restrições possam ser dispensadas o mais cedo possível. A restrição às importações leva à diminuição da produção, a importação, ao contrário, estimula a produção. Daí ser necessário pensar em outras medidas, que não sejam essas restritivas, e buscar-se o equilíbrio no balanço de pagamentos". E finalmente, em resposta a outra indagação, disse que as autoridades brasileiras não deixaram entrevisto prazo para o levantamento das restrições.

"Não especificamente. Nenhum prazo foi mencionado", esclareceu e encerrou a entrevista declarando que a visita do presidente Geisel ao Japão contribuiu muito para o estreitamento dos laços de amizade entre os dois países.



O Presidente da República quando concedia entrevista coletiva no Palácio Akasaka.

**ENTREVISTA COLETIVA
CONCEDIDA PELO
PRESIDENTE DA REPÚBLICA
A JORNALISTAS
BRASILEIROS NO PALÁCIO
DE AKASAKA.**

PRES. GEISEL — “Eu, ontem, no encontro que tivemos, me dispus — até convoquei os senhores para esta entrevista hoje, às 5 e meia da tarde, neste Palácio. Mas, antes de iniciar propriamente a entrevista, quero expressar meus agradecimentos à imprensa, de modo geral, e à televisão, pelo interesse que tiveram na cobertura desta visita, sobretudo quanto às negociações que se realizaram.

“Eu reservei a tarde de hoje para a entrevista, porque agora já estão ultimadas as conver-

sações e negociações que, de parte a parte, realizaram o governo brasileiro e o Japão.

“Estou à disposição dos senhores, para responder às perguntas que julgarem de interesse fazer.”

(Jornal do Brasil) — “Os resultados até agora sabidos de sua visita superam o esperado e, no seu conjunto, ganharam dimensão política. Esse acréscimo parece ter sido conseguido por sua participação pessoal, o que não aconteceu na parte preliminar dos entendimentos. Que princípios nortearam a sua orientação, consequência da posição brasileira nesta fase decisiva do relacionamento econômico Brasil-Japão?”

PRES. GEISEL — “Na realidade, as negociações que se realizaram, seja no campo científico, seja no econômico, obedeceram a uma idéia básica, em que o relacionamento do Brasil com o Japão, tem base bastante sólida. O Brasil já é muito conhecido no Japão, em decorrência das correntes migratórias que se orientaram há mais de 50 anos do Japão para o Brasil. O número de descendentes de japoneses hoje integrados em nosso país se aproxima de um milhão, são mais de 700 mil. Todos eles têm naturalmente vínculos de parentesco familiares com os residentes no Japão. Acredito que o Brasil seja mais conhecido no Japão do que o Japão no Brasil. Mas essas correntes migratórias e o trabalho desenvolvido pelos japoneses no Brasil serviram de lastro fundamental para esse entendimento. Afora isso, as atividades econômicas que se realizam no Japão e se realizam no Brasil são complementares. O Brasil é sobretudo grande supridor de matéria-prima e o Japão é carente de matérias-primas, das quais, entretanto, necessita para a sua industrialização. Há então uma complementação econômica que serve extraordinariamente a ambas as nações. Há, também, uma coincidência de pontos de

vista no campo da política internacional. Ambos os países acham que não podem viver isoladamente, porque no mundo de hoje há uma interdependência entre as nações; e ambos os países são, também, essencialmente pacíficos, acham que o mundo deve viver em paz e que todos nós devemos trabalhar neste sentido."

(Manchete) — "Estamos informados de que o Primeiro-Ministro japonês lhe sugeriu a possibilidade de o Brasil e Japão ajudarem na mediação de um diálogo Norte-Sul. Caso afirmativo, em que termos a sugestão foi feita e quais as ponderações que o senhor apresentou em resposta?"

PRES. GEISEL — "Realmente, o Primeiro-Ministro Miki, analisando a posição do Brasil como uma nação emergente, em franco desenvolvimento, achou que o Brasil poderia servir de mediador entre as duas partes — o Norte e o Sul, vamos dizer, entre os países industrializados e os subdesenvolvidos. Eu mostrei a ele que, na realidade, o Brasil está no grupo dos países subdesenvolvidos. Ele faz parte deste conjunto que anseia por se desenvolver. Embora esse conjunto não seja homogêneo, pois há evidentemente diferentes graus de desenvolvimento, e o Brasil ocupa neste conjunto, que é de mais de 100 países, uma posição destacada, ele não poderia se expor a ser simplesmente um mediador, uma vez que, ele é parte. Ele só poderia funcionar como mediador se os países desenvolvidos, os que chamamos do grupo Norte, nos dessem determinadas condições para desempenhar este papel de mediação. Mas, de qualquer maneira, tanto o Japão como o Brasil se comprometeram a trabalhar no sentido de harmonizar essas duas áreas e conseguir dos países do Norte, uma cooperação maior para desenvolver os países do sul."

(Última Hora) — "Quais os efeitos das negociações aqui realizadas, no nosso balanço de pagamentos e no quadro de nossa dívida externa?"

PRES. GEISEL — "As negociações que realizamos no campo econômico, propriamente, são negociações que têm em vista problemas a longo prazo. Lançamos bases que, a médio prazo, já vão produzir resultados, mas se projetarão no futuro num programa muito mais vasto, de longo prazo. Não creio que tenhamos efeitos imediatos de grande vulto no nosso balanço de pagamentos. Por exemplo: lançou-se projeto em definitivo, de produção de alumina e alumínio na Amazônia. Este projeto vai ter a sua execução iniciada em 1977, mas a produção só se iniciará em 1981. Então, os efeitos serão a médio prazo. Há alguns efeitos que serão mais imediatos, como os contratos de venda de minérios de ferro, que foram ampliados. Os contratos de venda de "pellets" e de celulose, possivelmente, já no ano que vem, irão proporcionar maior soma de divisas para o Brasil. Por maior que seja o resultado desses contratos, eu atribuo maior importância às negociações na base que nos constituímos de entendimentos e que darão resultados multiplicados num futuro mais remoto. Não sei se já respondi inteiramente à sua pergunta, ou se há algum detalhe que mereça ser esclarecido."

(Diários Associados — Correio Braziliense) — "Poderá um país em desenvolvimento, como o Brasil, alcançar uma conciliação ampla e permanente dos interesses das empresas privadas com os interesses do Governo, a exemplo do que ocorre no Japão?"

PRES. GEISEL — "Eu acho que sim. Não vejo antagonismo, como muitos querem dizer, entre as empresas privadas e as empresas governamentais. Acho que elas se complementam. Veja que o Estado atua sobretudo na infra-estrutura. O Brasil é um país jovem e imenso, em seu território extraordinariamente carente de infra-estrutura: são estradas de ferro, estradas de rodagem, portos, aeroportos, telecomunicações, e as-

sim por diante. São empreendimentos que exigem grandes recursos e que não são atrativos do ponto de vista de remuneração. São empreendimentos que só o Estado pode realizar. Afora isso, o Estado participa de certos empreendimentos industriais, sobretudo aqueles que são básicos e que têm maturação a longo prazo, como o da energia, da produção de aço, e assim por diante. O resto todo está entregue à iniciativa privada. E há grande número de empreendimentos em que a empresa privada se associa à estatal. Eu não considero isto, absolutamente, um problema inconciliável. E acho que à medida em que o país se desenvolver, esses empreendimentos estatais serão fatalmente transferidos para a empresa privada."

(O Globo) — "O senhor acredita que poderemos retirar ensinamentos, ou sugestões, da política de recuperação econômica do Japão após 73, particularmente no tratamento de choque aqui aplicado à inflação?"

PRES. GEISEL — "As condições do Japão são bem diferentes das condições brasileiras, inclusive nas características de seu povo. Não esqueçamos que o Japão veio de uma guerra, onde ele sofreu um choque muito maior do que o choque do tratamento da inflação. Mas há muita coisa da experiência japonesa que nós podemos aproveitar. Um dos pontos importantes das negociações que se realizaram, se refere à cooperação que pode haver entre o Brasil e o Japão no campo tecnológico. O milagre japonês em grande parte é devido à alta tecnologia de que o Japão dispõe. Uma das maneiras de sairmos do subdesenvolvimento é não só a utilização maciça de capitais, mas é sobretudo o aproveitamento tecnológico e moderno, sob pena de se montar no País uma base de indústria obsoleta. O Japão se propôs a cooperar conosco no sentido de uma maior transferência de tecnologia para o Brasil."

(Editora Abril) — “Que variável nova os acordos assinados em Tóquio introduzem na política brasileira na Ásia?”

PRES. GEISEL — “Não creio que tenha grandes modificações no quadro brasileiro na Ásia. Na Ásia, nós mantemos boas relações com vários países. Como sabem, pouco depois de eu assumir o governo, reatamos as relações com a China. São relações que estão se desenvolvendo lentamente, no sentido positivo, à busca principalmente de maior intercâmbio comercial; e temos relações com outros países da Ásia, mas não são muito estreitas. O único país com que realmente temos relações mais profundas é o Japão. Isso acontecia antes da minha visita e é um problema que vem de anos atrás, desde a imigração japonesa para o Brasil. Depois, com os empreendimentos que os japoneses fizeram juntamente conosco, sobretudo na Usiminas, na Ishibrás, depois no setor da petroquímica. De modo que já havia um bom relacionamento, sobretudo no campo diplomático, com o Japão. Presentemente, esse relacionamento se intensificou, mas não creio que ele tem desbordamentos maiores para outros países da área”.

(O Estado de S. Paulo) — “Ainda ao nível da política externa, nas relações internacionais do Brasil, com as chamadas democracias industrializadas, como é o caso do Japão, Estados Unidos e outros países da Europa, em que medida o caráter particular das instituições brasileiras ainda continuará a interferir nestas relações internacionais. Ou estas interferências, na sua opinião, tenderão a se reduzir no futuro, como consequência de uma possível evolução destas instituições?”

PRES. GEISEL — “Não, eu creio que essas relações... Eu vou ver se consegui interpretar bem a sua pergunta. Eu creio que essas relações com as chamadas democracias industrializadas se desenvolverão. Nós somos

um país estreitamente vinculado aos Estados Unidos. Somos amigos dos Estados Unidos há longos anos e, inclusive, é uma amizade baseada em grande parte na decorrência geográfica. Essas relações só tendem a aumentar e a se desenvolver, apesar de tropeços que de vez em quando surgem, sobretudo no campo econômico. Do mesmo modo com os países da Europa — França, Inglaterra, Alemanha, sobretudo, que são os mais desenvolvidos da Europa — e temos mesmo, aí, a Itália, a Espanha e Portugal, já por outras razões. Nós desenvolveremos nossas relações ao máximo, da mesma maneira, com o Japão. O Brasil, na sua política, como muitas vezes o ministro Silveira diz, se orienta no sentido ecumênico. Não temos preferência por nenhum dos países. Nem o fato de nos vincularmos estreitamente com um, não significa menosprezo em relação a outro. De maneira que eu acho que, apesar de todas essas coisas que se resolveram aqui nesses dias, no Japão, nossas relações com os Estados Unidos e outros países tenderão a se intensificar, inclusive dentro da América Latina. Na Argentina e em outros países, o nosso interesse é mantermos relações mais estreitas possíveis, seja no campo político, no campo cultural e, em decorrência, com grande importância, no campo econômico”.

(Rede Brasil-Sul de Comunicações) —
“senhor presidente, sabemos que as três viagens que o senhor fez ao Exterior, este ano — França, Inglaterra e Japão —, todas foram igualmente importantes, tanto no campo econômico, como no político. Na sua opinião, qual delas, a médio e a longo prazo, trará maior benefício para o Brasil?”

PRES. GEISEL — “Cada viagem dessas tem uma característica diferente, inclusive tendo em vista o país que é visitado. Mas não creio que nenhuma delas tenha sido mais importante do que as outras. Acho que todas elas foram importantes. A do Japão demorou

mais, em grande parte pela distância. Esta viagem tão longa, como a do Brasil ao Japão, faz com que a gente demore maior número de dias. Mas não quer dizer que ela tenha sido mais importante que aquela que eu fiz à Inglaterra como a que eu fiz à França. No meu modo de ver, todas as três têm uma importância equivalente, embora as características de cada uma sejam diferentes das demais."

(Folha de S. Paulo) — "No discurso no Keidanren, o senhor disse, claramente, que o Brasil está superando rapidamente os efeitos da crise econômica internacional, e, portanto, não está longe o momento de adotarmos internamente uma política econômico-financeira mais liberal. O senhor poderia situar, no tempo, o início dessa política liberalizante e seus fundamentos principais?"

PRES. GEISEL — "Não creio que nós possamos situar isto no tempo. Ainda temos problemas com o balanço de pagamento: são problemas que só vão se resolver a médio prazo, e agora temos um problema um pouco mais difícil, que é o recrudescimento da inflação. São problemas que nós temos que estar atentos, e seria leviandade se eu pudesse dizer: nós vamos aliviar e liberalizar nossa economia dentro de seis meses, ou dentro de um ano. Sinceramente, não posso fazer prognóstico neste sentido, mas acredito que, com a evolução, com o trabalho que estamos realizando no País e com a possível melhoria do quadro internacional, que de certa forma se pronuncia, é possível se admitir que essas medidas sejam em caráter temporário. Não poderão se estender por muitos longos anos, mas sinceramente seria muito prematuro eu lhes dar uma indicação no tempo".

(Gazeta Mercantil — "O senhor transmitiu hoje, no Clube de Imprensa, a possibilidade de o Brasil participar de um cartel de produtores de minério de ferro. O senhor con-

sidera benéficas para o Brasil as atividades de cartéis existentes, como a OPEP?"

PRES. GEISEL — "Eu não preconizei que o Brasil participasse do cartel de minério de ferro. Pelo contrário, mostrei que o Brasil era contrário a cartéis. Eu admiti como uma hipótese extrema que, se os preços do minério se aviltassem, a tal ponto que nos prejudicassem na produção e na exportação do minério, o Brasil poderia encarar a hipótese de participar de um cartel. Mas, em princípio, o Brasil é contrário aos cartéis. E exemplifiquei que, em produtos como o café, o cacau e o açúcar, nós sempre procuramos estabelecer acordo entre produtores e consumidores, de modo a assegurar, de um lado, um preço satisfatório aos produtores, e, por outro lado, evitar que os consumidores fossem, submetidos a um preço muito alto. Eu sou e o Brasil é essencialmente contrário aos cartéis, sobretudo porque, no caso do petróleo, estamos sofrendo as consequências da cartelização, embora eu reconheça que os preços primitivos do petróleo eram baixos demais. Mas, em essência, a política brasileira não é favorável a cartéis".

(Jornal de Brasília) — "O Senhor já visitou dois importantes países da Europa, e agora vem ao Japão. A dois anos e meio do término de seu mandato constitucional, e estando agora exatamente na metade de seu cumprimento, o senhor considera encerrado o ciclo dessas viagens, que se podem considerar pioneiras, ou se dispõe a atender a outros convites já formulados, inclusive partidos de outros blocos?"

PRES. GEISEL — "Essas viagens que eu fiz ao Japão, Inglaterra e França, em grande parte foram retribuições a viagens feitas em anos anteriores. E recorro que, no caso da França, o Brasil recebeu a visita do Presidente de Gaulle. No caso da Inglaterra, o Brasil recebeu a visita de Sua Majestade, a Rainha e,

no caso do Japão, além de vários ministros, sobretudo o Primeiro-Ministro Tanaka, que esteve no Brasil, o País recebeu anteriormente a visita do Príncipe-Herdeiro, no tempo do Presidente Costa e Silva. Estas visitas significavam quase que uma obrigação social do Brasil, em retribuição. Claro que, a esta retribuição, nós aliamos outros motivos e outras razões para a visita. Não posso dizer que tenha se encerrado o ciclo de minhas viagens. É possível que ainda realize outras, dependendo da circunstância. Eu tenho vários convites e não sei se vou atendê-los, quando e como. Tenho por exemplo, previsto para os primeiros dias de novembro, o encontro com o excelentíssimo senhor Presidente da República do Peru, encontro que possivelmente se realizará na fronteira próxima à região de Benjamin Constant, ou Tabatinga. É possível que haja outros encontros e outras viagens, mas programada existe apenas essa, ao Presidente do Peru."

(Correio do Povo) — "Senhor presidente, considerando o objetivo declarado de seu governo, e há pouco reafirmado, de equipar o sistema ferroviário no Brasil, e diante dos avanços técnicos do Japão nesse setor, foi encaminhada alguma providência no sentido de implantar sistemas mais modernos nas ferrovias brasileiras?"

PRES. GEISEL — "Com relação ao Japão, não. Numa conversa que eu tive com o Primeiro-Ministro Miki, hoje, pela manhã, ele fez referência à viagem que se vai fazer amanhã a Kioto, usando, um trem ultra-moderno e de grande velocidade. Eu disse a ele que, para nós, também constituía um interesse, mas que, por enquanto, estava no terreno dos sonhos ter uma estrada de ferro desse tipo, ligando o Rio de Janeiro a São Paulo. Mas que, infelizmente, dentro das prioridades que nós temos que estabelecer no

País, em face dos recursos disponíveis que estão muito aquém das nossas necessidades, esse projeto tinha que permanecer por enquanto como sendo um sonho. Evidentemente, chegaria o dia em que nós iríamos cuidar um pouco mais desse problema. Veja que, em matéria de ferrovia, no Brasil, estamos num estágio quase que de obsolescência. Todo o sistema ferroviário brasileiro é um sistema antiquado. Ele está sendo remendado. Nós estamos construindo variantes, fazendo obras, sobretudo nas áreas que consideramos correspondentes aos Corredores de Exportação. Como empreendimento novo, estamos procurando construir a ferrovia de Belo Horizonte a São Paulo e, preliminarmente com variante, que vamos fazer em primeiro lugar, para Volta Redonda.

"Pois bem, nessa ferrovia, a que estamos procurando dar características modernas, estamos encontrando dificuldades, pela soma de recursos necessários para a execução de uma obra desse vulto. Acontece que no Brasil, para outros empreendimentos, como da energia elétrica, telecomunicações e marinha mercante, existem recursos especiais destinados a esses empreendimentos. E, no caso das ferrovias, nós não temos. Então, os recursos normalmente têm que sair do orçamento próprio da União, e o dinheiro de que se pode dispor até agora é muito pouco em relação à magnitude do problema que nós temos. Mas isto não é motivo de desânimo, porque nós vamos lutar e vamos ver se melhoramos o nosso parque ferroviário. Há uma estrada de ferro, hoje — último modelo — que foi equipada e estruturada em grande parte com o auxílio dos japoneses, que é a Vitória-Minas, estrada de ferro que serve à Companhia Vale do Rio Doce. Graças à modernização desta ferrovia, o seu equipamento o seu controle, é que o Brasil pode exportar grandes massas de minério de ferro a um preço competitivo. Estrada de ferro

moderna, que faz transporte a baixo custo. E, por isso mesmo, é que podemos vender minério de ferro no Japão, competindo com a Austrália, que está aqui perto. Eu desejaria, embora isso seja extremamente difícil, que o nosso parque ferroviário se modernizasse, e tomando o padrão desta estrada de ferro da Vale do Rio Doce. Mas isto vai custar muito dinheiro e muito esforço”.

(O Liberal) — A sua preocupação, de abrir janelas do Brasil para o mundo, se enriqueceu de que forma nos contatos que o senhor manteve no Japão, nestes dias?

PRES. GEISEL — “Eu acredito que, sobretudo pela ação da imprensa, que poderá relatar o que fizemos nestes dias, os brasileiros também vão abrir um pouco as suas janelas, vão olhar um pouco mais para o mundo. Não sei se os outros precisam conhecer mais o Brasil, ou se nós precisamos conhecer mais os outros, ver o que o mundo tem de bom e o que tem de ruim. Em consequência, fazer a comparação e amar um pouco mais o Brasil.”

(O Liberal) — “Ao fim dos trabalhos desta viagem, o senhor teria uma mensagem para o povo brasileiro?”

PRES. GEISEL — “A mensagem que eu posso dar ao povo brasileiro é um complemento ao que eu acabo de dizer. É uma mensagem de otimismo. Nós atravessamos dificuldades, mas eu acho que elas são mínimas em relação às dificuldades que os outros têm. Mesmo os países desenvolvidos enfrentam dificuldades. Todo o mundo enfrenta dificuldades e, neste sentido, acho que o Brasil, pela potencialidade que ele encerra, pela extensão de seu território, pelas qualidades do nosso povo, é um país em que as dificuldades ainda são mínimas e elas ainda podem ser superadas, se nós soubermos trabalhar”.

**ENTREVISTA INFORMAL
CONCEDIDA DURANTE A
VIAGEM PARA QUIOTO A UM
GRUPO DE JORNALISTAS
BRASILEIROS.**



O Presidente da República entre jornalistas brasileiros a bordo do trem para Quioto

P — “Nós, com os resultados do Japão encerramos um ciclo, não é Presidente?”

PRES. GEISEL — Nós agora é que estamos iniciando um novo ciclo, nos abrindo internacionalmente, nos tornando mais conhecidos, ampliando o prestígio do Brasil no exterior... “Virando-se para o repórter do “Estado”, Geisel continua: “Aliás, você me perguntou no Havaí qual aspecto desta viagem seria mais importante, o político ou o econômico? É uma distinção muito difícil de ser feita. As duas coisas são importantes, de certa forma se completam. Não se pode separar o aspecto econômico do quadro político do sim como não se pode separar o político do quadro social. É claro, que além disto há outros desdobramentos na área interna. Os resultados econômicos desta viagem decorrem de uma base política, que a própria visita assegurou. No caso, eles foram consequência de dois fatores que facilitaram muito as negociações: primeiro, nós sabemos que vive no Brasil uma grande quantidade de imigrantes japoneses em absoluta liberdade, sem nenhuma restrição e perfeitamente integrados na sociedade brasileira, muitos deles bem sucedidos, do que aliás o Brasil tem sido beneficiado. Vocês vejam por exemplo a tecnologia agrícola que eles levaram”.

“Alguns de vocês é de Brasília? Se forem devem saber que todos os legumes e produtos hortigranjeiros de Brasília são fornecidos por eles. De todos os países do mundo, o único a abrir todas as portas para a imigração japonesa foi o Brasil, tudo isto contribuiu muito para um quadro favorável nos entendimentos. Em segundo lugar, as economias de nossos dois países são complementares. A economia japonesa, que é baseada na indústria de transformação, é vulnerável no suprimento de matérias-primas, e portanto precisa diversificar seus fornecedores. Nós, temos matérias-primas, e também precisamos diversificar nossos mercados. Por-

tanto, nossas economias não são conflitantes, mas complementares.

P — Nós estamos vivendo uma crise econômica decorrente em grande parte da nossa dependência do exterior. E estamos buscando os remédios dessa crise no exterior. Isso não significa que vamos continuar vulneráveis?

PRES. GEISEL — A nossa vulnerabilidade está no petróleo, este ainda estamos precisando importar. Por isto, para superar estas dificuldades temos que ampliar o nosso comércio, vender muito mais, para compensar coisas que faltam e ainda temos que comprar. Nós ainda temos que comprar alumínio, vejam vocês. Além disto temos que importar cobre, zinco. Estas coisas nós não podemos deixar de comprar. Podemos, sim, eliminar supérfluos, e isto já foi feito: automóvel, caviar, champanha, por exemplo. Nada disso estamos importando, já o petróleo, isto não. Eu não posso parar o Brasil. (Neste momento Humberto Barreto (Assessor de Imprensa) intervém e lembra do programa de substituição das importações).

PRES. GEISEL — Mas é claro, no quadro da balança comercial a grande política é substituir as importações. E é o que estamos procurando fazer em relação à amônia, fosfato, cobre e outros insumos básicos, além de bens de capital. Pois a produção interna destes bens nos assegurará uma maior autonomia no desenvolvimento econômico.

P — Agora que o senhor está se sentindo mais fortalecido com os resultados da viagem, quais serão, na sua opinião, as repercussões destes resultados internamente?

PRES. GEISEL — Não sei se terá repercussões internas. Terá no campo econômico. (Aí ele reflete um pouco e continua) talvez indiretamente possa haver repercussões políticas. Ao fazer esta longa viagem estou

tratando dos interesses do país. O Brasil agora é mais conhecido, tem mais prestígio internacionalmente. Espero que façam justiça ao meu Governo. Nós estamos nos abrindo para o mundo.

Interrompendo: Aliás Presidente, em seus discursos e nos encontros com o Primeiro-Ministro Takeo Miki, nós percebemos uma preocupação mais voltada para a política internacional.

PRES. GEISEL — A observação é correta, mas esta também é uma preocupação do Japão. Houve de fato este aspecto político nas conversações com os japoneses. Tal como nós, eles são um povo pacifista. Assim como ao Japão, o que interessa ao Brasil é a paz no mundo. Vejam por exemplo os problemas trazidos pela crise do petróleo. O petróleo foi a arma que os árabes usaram dentro de um princípio de guerra total, na qual esta era a força de que eles dispunham. O Brasil, para se desenvolver, precisa de um clima de paz. Paz interna e paz externa. Porque num mundo em paz tudo se resolve, o desenvolvimento é possível. Ao contrário, num mundo em conflito, as nações perdem as perspectivas. Esta é uma posição que nos aproxima mutuamente.

P — Presidente, durante as conversações com o governo japonês, o Primeiro Ministro Miki sugeriu que o Brasil assumisse um papel de mediador no diálogo entre países desenvolvidos e em desenvolvimento.

PRES. GEISEL — O governo japonês, neste conflito norte-sul como simbolicamente é designado, pois o conflito na realidade existe entre os países desenvolvidos e os subdesenvolvidos, ou em desenvolvimento, de fato nos fez esta proposta. A tendência é atrair o Brasil para uma posição mais próxima ao grupo dos 77 — que aliás são mais de 77. O Brasil neste grupo, diga-se de passagem, é o

que está numa das melhores situações. Eu não aceitei esta posição de mediador. Porque nós somos subdesenvolvidos, fazemos parte deste mundo. Vejam vocês, a renda per capita do Brasil é inferior a mil dólares. Estamos com uma renda per capita de 750 dólares e só poderíamos aceitar o papel de mediador se pudéssemos contar com uma garantia para esta cooperação, na qual eles (os industrializados) se demonstrassem dispostos a reconsiderar suas relações com os subdesenvolvidos. Esta garantia depende de três fatores fundamentais: 1) recursos de capital, que podem ser investimentos, financiamentos; 2) aporte de tecnologia moderna, sem a qual um País subdesenvolvido corre o risco de basear seu crescimento numa indústria obsoleta. E o terceiro fator são as garantias de preços estáveis para as nossas exportações. Não podemos nos submeter às oscilações do mercado internacional. Vejam o caso do açúcar, que estava lá em cima, a 1.300 dólares a tonelada, e agora está valendo menos de 300 dólares. Com a soja foi quase o mesmo. Estas flutuações são absurdas.

P — Parece, Presidente, que o desenvolvimento consiste exatamente no domínio dos mecanismos de mercado internacional.

PRES. GEISEL — É, os produtos industrializados têm preço estável. É o caso do automóvel. Acho que as matérias-primas também devem gozar desta estabilidade.

P — Presidente, os países desenvolvidos teriam interesse em modificar este quadro de divisão internacional do trabalho?

PRES. GEISEL — Eu acho que deve haver um certo tipo de relacionamento que dê aos subdesenvolvidos condições de chegarem ao desenvolvimento rompendo este quadro.

Aliás, em sua entrevista à imprensa japonesa, o senhor disse que o Brasil não aceitaria este

papel porque se ficasse ao lado dos desenvolvidos perderia a confiança dos subdesenvolvidos...

PRES. GEISEL — Concordo, ser mediador seria mesmo adotar uma posição ambígua. Aliás, não creio que tenha havido qualquer segunda intenção do Japão com esta proposta. É uma proposta até lisonjeira para nós, porque há nisto o reconhecimento de um status internacional do Brasil. Não, a intenção dos japoneses foi boa.

P — Em suas viagens anteriores à França e Inglaterra, houve uma preocupação, tanto da imprensa, como dos meios oficiais, de colocar-se em discussão o modelo político brasileiro. E aqui no Japão, Presidente?

PRES. GEISEL — O governo japonês, em nenhum momento fez qualquer comentário sobre a nossa política interna. Aliás, nesta discussão sobre o modelo político de cada país, e precisamos nos compenetrar disso — embora a Oposição no Brasil não aceite — é que cada País deve ter sua estrutura política própria. A política interna de cada nação deve ser adequada às suas características próprias. Vejam o caso do Japão, um povo extremamente organizado e disciplinado. Não poderíamos simplesmente transformar modelo político japonês para o Brasil. Os norte-americanos, por exemplo, querem que todos sejam iguais a eles, mas nós não devemos nos preocupar com as críticas. Que os outros países adotem o seu modelo. Nós precisamos observar a nossa realidade, ver o estilo de vida do povo, sua filosofia, seus costumes, seu grau de cultura e condições econômicas. (Aqui ele foi se empolgando e elevou a voz). É isto que vai determinar o modelo político brasileiro. É claro que tudo isto com liberdade, franquia e representatividade.

.. Não podemos copiar os sistemas da Inglaterra ou da Alemanha, cujos povos têm

características diferentes do nosso. É preciso ter um regime compatível com as características do nosso povo, estas teorias, esta cultura livresca, tudo isto é muito bom. Mas deve ser apenas um pano de fundo. Nós temos que ver a realidade o que será melhor para o país. É claro que devemos sempre ser idealistas. Mas idealistas no pensar e realistas no agir. A prática política deve ser moldada nas condições reais do País. Para que não caia no entãõ "está escrito que é assim, mas não se faz assim".

P — O senhor considera o modelo político brasileiro um modelo determinado?

PRES. GEISEL — Não, os sistemas políticos não são estáticos. Estão em permanente aperfeiçoamento, adaptando-se às condições econômicas e sociais.

P — Presidente, o senhor agora tem então condições de nos dizer quais são suas expectativas com relação à evolução do modelo brasileiro. Daqui a 6 meses, um ano, até o fim do seu governo?

PRES. GEISEL — Espero que o Brasil continue crescendo, progredindo...

P — Mas estou me referindo a evolução política especificamente, o AI-5 por exemplo...

PRES. GEISEL — Não, nossa preocupação agora são as eleições. Não só estas de agora, mas também a de 78. Importante é consolidar os partidos políticos, dando-lhes mais força e coesão. Pois a base de tudo são os partidos. Eles que devem conduzir a política. Em novembro teremos eleições municipais. Muitos dizem que elas não têm importância porque são locais. Mas é a partir do âmbito municipal que os partidos se fortalecem.

Quando o Presidente da República se engaja na campanha é porque ele deseja o fortalecimento partidário. Porque quer que a Arena assuma de fato o seu papel, seja realmente um partido político.

P — Então, Presidente, a vitória da Arena nestas eleições é muito importante...

PRES. GEISEL — Não, o importante é que os partidos se consolidem, nós temos dois partidos, um deles na Oposição, porque tem que haver dois partidos. Eu não quero um regime de partido único. Aliás, certa vez recebi a visita de um chefe de Estado africano, cujo nome não cabe a mim mencionar, que me disse que resolvia todos os seus problemas políticos sem dificuldades porque tinha um único partido em seu País. (Humberto Barreto começa então a chamar.)

Repórter — Presidente eu acho que nós estamos vivendo uma ditadura...

PRES. GEISEL — (Surpreso e ruborizado) Por que?

Repórter — é uma ditadura de Humberto. Que está nos fazendo sinal para ir embora. O senhor ontem disse que tinha a ditadura do Pedroso, Mourão, e Jorge Ribeiro. Agora é a do Humberto... Geisel sorri.

Repórter — Quero dizer que este contato foi muito importante. Além da nossa reação, temos observado a dos outros, e podemos dizer que os jornalistas no Japão estão descobrindo o Presidente.

PRES. GEISEL — Ruboriza outra vez, agradece, e se despede. "Quero ver o que vocês vão escrever depois desta longa conversa..."

O embaixador brasileiro em Tóquio, Hélio Cabal, fez uma análise do resultado da visita do presidente Geisel ao Japão, destacando que sob o ponto de vista político, "o Brasil deixa de ser interlocutor casual, acidental, formal, convencional para se transformar em uma potência, cuja cooperação é solicitada para a solução do mais grave problema mundial, que é o relacionamento norte-sul."

Do ponto de vista econômico, o embaixador ressaltou a mudança de estrutura caracterizado pela passagem do Brasil "de fornecedor marginal" do mercado nipônico para a sua integração no bloco dos quatro grandes supridores de recursos naturais ao Japão, que são os Estados Unidos, Canadá, Austrália e Sudeste Asiático.

Cabal ressaltou "a integração completa das duas economias": fornecimento do Brasil ao Japão e financiamento japonês à exportação brasileira, lembrando que este "sentido de parceria não ocorreu nas negociações havidas durante as viagens de Geisel à França e à Inglaterra, onde o Brasil só obteve créditos financeiros, isto é, empréstimo em moeda livre e crédito direto ao consumidor. Disse Cabal que as negociações entre o Brasil e o Japão chegaram a 12 bilhões de dólares: nove bilhões de contratos de exportação — cinco bilhões para minério de ferro; três bilhões para "pellets"; um bilhão para a polpa; e ainda 500 milhões de dólares para fornecimento de uma série de alimentos — 2 bilhões de dólares para a exportação e 1 bilhão de dólares de investimentos no desenvolvimento de recursos naturais brasileiros."

O ingresso do Japão e do Brasil nesta nova fase de relacionamento político e econômico, conseguida aqui em Tóquio, segundo o embaixador Cabal se deve a três fatores que caracterizam a viagem de Geisel.

ENTREVISTA DO EMBAIXADOR DO BRASIL EM TÓQUIO. HÉLIO DE BURGOS- CABAL A JORNALISTAS BRASILEIROS.

Três fatores

Primeiro, citou o fato do relacionamento com o Brasil estar fundado no elemento afetivo fundamental que é o grau excepcional de hospitalidade que demos ao imigrante japonês. Lembrou que durante a guerra, os Estados Unidos confiscaram os bens dos japoneses e de seus filhos e os internaram em campos de concentração, enquanto o Brasil os deixou em liberdade e se, algum ato de confisco alcançou bens de companhias japonesas, estes foram total e imediatamente devolvidos após o conflito. Disse que isto fez com que o Brasil fosse o país mais popular no Japão, sob o ponto de vista afetivo, durante a ocupação americana.

Em segundo lugar, o embaixador Cabal apontou o fato de o Brasil ter recursos naturais de que o Japão não dispõe e necessita para desenvolver a sua atividade econômica, e em terceiro, alinhou a estabilidade política, disciplina social, racionalidade da economia e ainda, a atitude liberal do Japão em relação à cooperação estrangeira.

"Nós nos tornamos parceiros deles não na base de fornecedores de matéria-prima, mas na base de matéria-prima processada, já alcançada no início do segundo estágio da sua economia, porque o Japão não vai continuar com o modelo econômico que vinha adotando até aqui."

O modelo econômico japonês — importação da matéria-prima e **conversão** em suas indústrias — não é mais possível porque o custo da energia quintuplicou e esgotaram-se a mão-de-obra, o espaço físico e a tolerância à poluição.

O segundo estágio da economia que os japoneses adotarão agora está baseada no que eles chamam "atividade industrial baseada não mais na mão-de-obra, mas na tecnologia de ponta".

Diante destas razões, os japoneses optaram e vão partir agora para eletrônica, mineração no fundo do mar e atividades especiais que são muito mais remunerativas. "Isto nos permite — falou o embaixador Cabal — um pulo muito grande, porque uma tonelada de minério de ferro custa 10 dólares: sob a forma de "pellets", custa 24: ferro gusa, 90 e insumo acabado, 160 dólares. Eles pagam o que cobramos e transformam em computador, que custa três milhões de dólares, então ganham eles e ganhamos nós".

As exportações do Brasil para o Japão, segundo a previsão do embaixador, devem dobrar em 1976 atingindo a cifra de um bilhão e meio de dólares, enquanto os investimentos passarão de um bilhão e meio para dois bilhões e meio de dólares, ultrapassando a Alemanha e emparelhando com os Estados Unidos, que estão em primeiro lugar.

Hélio Cabal identifica uma fase precursora que foram as "Missões Delfim" ao exterior, coincidindo com o fato de que o Japão naquela época estava com 22 bilhões de dólares de reservas cambiais e temia que elas se "derretessem".

Ao resumir em dois objetivos a parceria com o Brasil aceita pelo Japão, internamente para mostrar que está se voltando para conquistar um fornecedor estável de produtos e, externamente, mostrar ao terceiro mundo que está ajudando um de seus integrantes, o embaixador ressaltou que nas negociações "nada foi gratuito e isto é fundamental". (Correio Braziliense — 21.9.76)

Exportação dobra

Presidência da República

BIBLIOTECA

8 — COMUNICADO CONJUNTO BRASIL-JAPÃO

Como hóspedes de Estado do Governo japonês, Sua Excelência Ernesto Geisel, Presidente da República Federativa do Brasil e Sua Excelentíssima Senhora Lucy Markus Geisel, realizaram visita oficial ao Japão de 15 a 20 de setembro de 1976.

O Presidente se fez acompanhar por Sua Excelência o Embaixador Antonio F. Azeredo da Silveira, Ministro de Estado das Relações Exteriores, Sua Excelência Severo Fagundes Gomes, Ministro de Estado da Indústria e Comércio, Sua Excelência Shigeaki Ueki, Ministro de Estado das Minas e Energia, Sua Excelência João Paulo dos Reis Velloso, Ministro-Chefe da Secretaria de Planejamento da Presidência da República, Sua Excelência o General-de-Divisão Hugo de Andrade Abreu, Ministro-Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, além de outras altas autoridades do Governo brasileiro. O Presidente se fez acompanhar também pelo Senador Virgílio Távora, Vice-Presidente da Comissão de Relações Exteriores do Senado Federal e pelo Deputado Joaquim Coutinho, Presidente da Comissão de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados.

2. O Presidente da República Federativa do Brasil e Senhora Geisel foram recebidos por Suas Majestades o Imperador e Imperatriz do Japão no dia 16 de setembro.

3. O Presidente Geisel e o Primeiro Ministro Miki mantiveram conversações nos dias 17 e 18 de setembro dentro de uma atmosfera franca e cordial. O Presidente e o Primeiro Ministro examinaram o estágio atual das relações entre os dois países e as posições do Brasil e do Japão diante da conjuntura internacional, dando atenção especial à situação do continente Americano e da Ásia. O Presidente e o Primeiro Ministro consideraram suas conversações extremamente úteis

e oportunas. Ambos consideram que a visita do Presidente Geisel ao Japão fortalecerá as relações de cooperação entre os dois países.

4. O Presidente e o Primeiro Ministro notaram com satisfação que compartilham pontos de vista semelhantes sobre uma ampla gama de problemas internacionais que constituem preocupações fundamentais dos dois Governos. O Presidente e o Primeiro Ministro reconheceram a crescente responsabilidade do Brasil e do Japão nas esferas regional e mundial. Nesse sentido os dois países conduzem as respectivas políticas externas com base em um diálogo aberto e construtivo que favoreça a mais ampla solidariedade internacional.

5. O Presidente e o Primeiro Ministro reafirmaram a dedicação dos dois Governos à causa da paz a qual deve ser alcançada através da justiça nas relações políticas e econômicas entre todos os países. Ambos expressaram o ponto de vista comum de que o bem-estar do povo é o objetivo final do crescimento econômico e que a comunidade internacional deveria tornar realidade o conceito de interdependência como base duradoura para uma ordem mundial verdadeiramente estável. Para tanto, e conforme suas potencialidades, o Brasil e o Japão reafirmam sua disposição de participar ativamente no diálogo em curso entre países desenvolvidos e em desenvolvimento. No momento histórico atual, em que a concertação entre os Estados é uma condição para a sobrevivência da humanidade, os Governos do Brasil e do Japão reiteraram sua determinação de estreitar a cooperação entre ambos no campo da política internacional, da economia e da cultura, inclusive em organizações internacionais como as Nações Unidas.

6. O Presidente e o Primeiro Ministro mostraram sua satisfação com o fato de que os dois países estão expandindo suas relações de acordo com sua amizade tradicional.

Esse crescente relacionamento está baseado no princípio da igualdade e na cooperação mutuamente benéfica. Os dois Governos decidiram estreitar ainda mais esses vínculos bilaterais com genuíno respeito à soberania e independência de cada país.

7. O Presidente e o Primeiro-Ministro constatarem com satisfação que, por ocasião da visita Presidencial ao Japão foi realizada a Primeira Reunião Consultiva Ministerial e reafirmaram sua intenção de consolidar as relações nipo-brasileiras em harmonia com a crescente importância do relacionamento global existente entre os dois países.

O Primeiro-Ministro declarou que, como expressão dessa intenção, o volume de créditos de exportação para o Brasil, deverá ser substancialmente ampliado, a fim de promover vários projetos, inclusive os de cooperação econômica discutidos na Reunião Consultiva Ministerial.

O Presidente apreciou essa declaração, afirmando que esses créditos contribuiriam para o desenvolvimento da indústria brasileira ensejando a aquisição no Japão de equipamentos e bens de capital que a indústria brasileira até o presente momento não produz. Por outro lado, o Presidente declarou que o Brasil prevê exportar nos próximos anos um volume considerável de produtos brasileiros para o Japão.

O Presidente e o Primeiro-Ministro concordaram em que o comércio entre o Brasil e o Japão, que já atingiu um nível apreciável em termos quantitativos, deve ser ampliado de maneira harmônica, tendo em vista a interdependência existente entre a economia dos dois países e as condições relativas a cada produto, em bases estáveis de longo prazo.

8. O Presidente e o Primeiro-Ministro apreciaram em alto grau o fato de que, na Pri-

meira Reunião Consultiva Ministerial, o lado brasileiro e o japonês claramente compartilharam opiniões nos setores da economia, comércio, finanças e tecnologia industrial, com especial referência ao II Plano Nacional de Desenvolvimento. Ambos reconheceram também que os resultados da Reunião contribuirão para um desenvolvimento ainda maior do relacionamento de cooperação entre o Brasil e o Japão na perspectiva do século XXI.

8.1 O lado brasileiro e o lado japonês concordaram em cooperar na construção de um complexo alumina/alumínio em Belém, Estado do Pará, com início previsto para 1977, e em colaborar a fim de assegurar o seu sucesso como um empreendimento de alta eficiência econômica. Os dois lados afirmaram também que parte substancial da produção de alumínio originária deste projeto será exportada para o Japão, de forma estável e a longo prazo, como previamente acertado pelos parceiros no empreendimento.

8.2 Os dois lados notaram com satisfação que o exame do Programa de Desenvolvimento da Agricultura da região de Cerrados no Brasil vem fazendo progressos concretos, como resultado da atitude cooperativa dos dois governos e dos cidadãos dos dois países, e que na presente ocasião representantes dos dois governos alcançaram um entendimento comum sobre o quadro de referência para o Projeto Piloto. Uma companhia de desenvolvimento agrícola, o órgão central de promoção do projeto, deverá ser implantada no Brasil em futuro próximo por duas companhias "holding" a serem criadas nos dois países, a fim de apoiar e promover as atividades de produção agrícola na região. Os dois lados também acolheram, com agrado, a perspectiva de que um Projeto de cooperação Nipo-Brasileiro de Pesquisa Agrícola no Cerrado seja firmado em futuro próximo. Os dois lados expressaram assim sua esperança

de que a cooperação entre o Brasil e o Japão na região do Cerrado venha a ser ampliada nos próximos anos.

8.3 Os dois lados concordaram em cooperar na construção do primeiro estágio da Usina Siderúrgica de Tubarão e em colaborar a fim de assegurar o seu sucesso como empreendimento de alta eficiência econômica.

Ademais, ambos afirmaram que parte da produção anual de chapas de aço da Usina de Tubarão será exportada para o Japão em termos estáveis e de longo prazo, de acordo com entendimentos prévios acertados pelos parceiros no empreendimento.

8.4 O lado brasileiro pediu a cooperação oficial do Governo japonês para a implementação do Projeto de construção do Porto de Praia Mole, que deverá beneficiar também alguns empreendimentos conjuntos de interesse mútuo, e o lado japonês — em consideração especial à ocasião sem precedente da visita oficial ao Japão do Presidente do Brasil — expressou a disposição do Governo japonês de conceder cooperação financeira e técnica, de acordo com a legislação e os regulamentos japoneses pertinentes.

8.5 Os dois lados discutiram o progresso dos empreendimentos conjuntos relativos ao desenvolvimento dos recursos florestais e à produção de celulose. Foi observado com satisfação que a CENIBRA, o primeiro projeto neste campo, iniciará suas operações no final deste ano.

As duas partes notaram, por outro lado, que o Projeto FLONIBRA, cuja implementação foi recentemente iniciada nos Estados da Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais, deverá continuar a receber o apoio integral dos parceiros para, da mesma forma que a CENIBRA, alcançar os melhores resultados.

Os dois lados afirmaram que parte da produção anual de celulose e cavacos de madeira será exportada para o Japão, em bases estáveis e de longo prazo, de acordo com compromissos a serem firmados pelas partes interessadas.

8.6 Os dois lados tomaram nota da recente decisão no sentido da participação japonesa no aumento de capital destinado à implementação da segunda etapa de expansão da USIMINAS, que tem sido um símbolo da cooperação entre o Brasil e o Japão.

Ambos discutiram a implementação da terceira etapa de expansão da USIMINAS, em relação à qual o lado japonês declarou que um crédito de exportação será concedido para a compra de equipamentos japoneses.

8.7 Os dois lados reconheceram que a expansão do fornecimento estável de minério de ferro brasileiro para a indústria siderúrgica japonesa seria benéfica para os dois países.

Os dois lados registraram o fato de que progride a cooperação entre as partes interessadas dos dois países em relação a projetos de desenvolvimento de minas de ferro brasileiras, como a de CAPANEMA.

8.8 Os dois lados reconheceram que o empreendimento comum NIBRASCO — que deve entrar em operação na segunda metade de 1977 e que está alcançando progressos graças à cooperação entre as partes interessadas dos dois países — exportará "pellets" para o Japão em bases estáveis e de longo prazo, como previamente acordado pelos sócios do empreendimento.

8.9 Os dois lados concordaram em fomentar a cooperação no campo da tecnologia industrial e se referiram com satisfação às conversações profícuas sobre o escopo e os objetivos de tal cooperação que foram recentemente reali-

zadas em Tóquio, entre autoridades japonesas e missão brasileira.

Ambos os lados concordaram que a cooperação seja implementada dentro do contexto e em harmonia com a cooperação econômica global entre os dois Governos, e expressaram a expectativa de que a cooperação no campo da tecnologia abrirá nova era nas relações amigáveis e de cooperação existentes entre os dois países.

8.10 O lado brasileiro enfatizou que as exportações de produtos agrícolas brasileiros para o Japão tem grande importância no desenvolvimento da economia brasileira e expressou seu desejo de promover contratos de longo prazo, em bases comerciais, a fim de assegurar a exportação estável de produtos agrícolas de importância para o Japão.

Tomando nota da declaração feita pelo lado brasileiro, o lado japonês afirmou existir a possibilidade de um aumento, no futuro próximo, das importações japonesas de produtos agrícolas brasileiros e de o Brasil se tornar um importante fornecedor de produtos agrícolas ao Japão.

8.11 Os dois lados manifestaram apreciação pelo progresso alcançado na cooperação entre os dois países no campo dos investimentos e concordaram em iniciar estudos conjuntos de medidas necessárias para criar um ambiente conducente à maior promoção de tal cooperação.

Nesse sentido, os dois lados reconheceram que medidas para facilitar o intercâmbio de informações serão estudadas como parte da cooperação global entre os dois países.

8.12 Os dois lados declararam que estão em curso negociações relativas ao lançamento no mercado de Tóquio de Títulos do Governo Brasileiro, com denominação em Yen, e ob-

servaram que no momento aumentam as possibilidades do Brasil no mercado japonês de capitais.

O lado brasileiro expressou sua satisfação com relação a este ponto.

8.13 Os dois lados conferiram grande importância às conferências de frete para a estabilidade do transporte marítimo e afirmaram que deveria haver uma tendência para a adoção gradual do conceito de igualdade recíproca nas operações das conferências de frete.

8.14 O lado japonês indicou que está pronto a examinar a concessão de um empréstimo ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico para assistir o setor privado brasileiro na compra de máquinas, equipamentos e serviços japoneses, tão logo sejam comprometidos os recursos do empréstimo em vigência, concedido ao BNDE pelo Banco de Importação e Exportação do Japão. O lado japonês indicou também que está pronto a examinar a concessão de um empréstimo ao Banco do Brasil.

8.15 Os dois lados declararam que estão em curso entendimentos para a formação de um consórcio de bancos japoneses para coordenar no mercado japonês empréstimos financeiros a serem concedidos a empresas brasileiras que desenvolvem projetos prioritários. Nesse sentido, o lado japonês afirmou que está pronto para estudar a matéria com atitude favorável, mantendo sempre em mente as intenções dos bancos privados japoneses.

8.16 Os dois lados reconheceram que o desenvolvimento ordenado dos serviços aéreos entre o Brasil e o Japão deverá ser encorajado.

9. O Presidente e o Primeiro-Ministro notaram com satisfação que o intercâmbio cultural

desempenha um papel importante no desenvolvimento da compreensão mútua entre os povos do Brasil e do Japão. Reafirmaram que os dois países devem continuar a promover o intercâmbio cultural e acadêmico em vários setores.

10. O Presidente e o Primeiro-Ministro reconheceram a conveniência de facilitar a entrada e permanência de nacionais de cada país no território do outro e decidiram que os dois Governos estudarão a possibilidade de adotar as medidas apropriadas para esse fim.

11. O Presidente lembrou que o Brasil é o país que acolheu o maior número de emigrantes japoneses, os quais têm dado uma importante contribuição ao desenvolvimento do Brasil. O Primeiro Ministro recebeu esse comentário com profunda satisfação e expressou a expectativa de que o fluxo de pessoas entre os dois países seja ainda incrementado.

12. Sua Excelência o Presidente Geisel e a Senhora Geisel expressaram seu apreço pela cordial e calorosa hospitalidade que receberam do Governo e do povo japonês e expressaram também os mais sinceros votos pela felicidade de Suas Majestades o Imperador e a Imperatriz e da Família Imperial e pela prosperidade do povo do Japão.

A visita do Presidente Geisel ao Japão, em setembro passado, constituiu um marco histórico nas relações nipo-brasileiras e representou, também, um desdobramento decisivo na projeção, em escala mundial, dos interesses nacionais brasileiros. Nesse sentido, a visita presidencial ao Japão complementou as visitas anteriores à França e ao Reino Unido, ampliando de modo particularmente significativo a área de atuação política e econômica do Brasil ao exterior.

2. Os numerosos entendimentos mantidos durante a visita ao Japão refletem, por um lado, a decisão do Governo do Presidente Geisel de diversificar a gama de opções que se oferecem ao Brasil no quadro internacional. Refletem também, por outro lado, a atitude brasileira de renúncia a posições postulantes e de adesão ao princípio de que são frutíferos e duradouros apenas os acordos que recolhem obrigações e vantagens equilibradamente distribuídas.

3. Esse espírito permeou a instalação e os trabalhos da 1ª Reunião Ministerial Nipo-Brasileira, realizada no contexto da visita presidencial. O novo mecanismo de consulta, cuja ativação sucede à criação da Grande Comissão com a França e à assinatura dos Memorandos de Entendimento com o Reino Unido e com os Estados Unidos da América, passou a situar o exame sistemático das relações nipo-brasileiras no mais alto nível governamental de ambos os países.

4. Não se deveria medir o êxito da visita do Presidente Geisel ao Japão apenas em termos das novas e consideráveis oportunidades econômicas que se abriram aos dois países. Nesta, como em visitas oficiais anteriores, há, também, que se registrar progressos políticos que, se não forem levados na devida conta, podem distorcer qualquer avaliação dos resultados alcançados. Foram as novas condições

9. AVALIAÇÃO POLÍTICA E ECONÔMICA

(Ministro Azeredo da Silveira)

políticas que encaminharam e permitiram o sucesso registrado no plano econômico.

5. As conversações mantidas nesse plano tiveram como sentido geral o aumento da participação dos investimentos japoneses em grandes projetos de desenvolvimento no Brasil e a expansão das exportações brasileiras para o mercado japonês. Como o aumento da participação dos investimentos japoneses no Brasil pudesse implicar maiores importações do Japão, tratou-se de buscar fórmulas que permitissem expandir as exportações brasileiras para aquele país. Consta do Comunicado Conjunto compromisso de se procurar ampliar o intercâmbio bilateral de maneira harmônica.

6. O Brasil e o Japão não se orientaram no sentido de obter apenas resultados imediatos dos entendimentos econômicos realizados em Tóquio, mas objetivaram, ao contrário, estabelecer novas estruturas de relacionamento. Os resultados dessas negociações, portanto, devem ser apreciados a partir de uma perspectiva de longo prazo.

7. Quanto às exportações brasileiras para o Japão, prevê-se que apenas três produtos — minério de ferro, "pellets" e celulose — alcancem, nos próximos quinze anos, cifras próximas a US\$ 10 bilhões. As exportações de aço, a partir da Usina de Tubarão, na qual serão investidos capitais japoneses, deverão atingir, num prazo de dezoito anos, a US\$ 2,3 bilhões. Conta-se ainda com um aumento significativo das exportações de produtos agrícolas e com futuras vendas de alumínio para o Japão.

8. Quanto aos investimentos privados japoneses no Brasil, ressalta a participação na construção de um complexo alumina/alumínio em Belém do Pará, no qual deverão ser aplicados capitais japoneses da ordem de US\$ 640 milhões; registra o Comunicado Conjunto

compromisso de cooperação dos dois Governos nesse empreendimento, do qual deverão originar-se as exportações de alumínio já referidas. A construção da Usina de Tubarão contará, por outro lado, com uma participação japonesa de cerca de US\$ 500 milhões. Espera-se, também, para breve a criação de uma empresa agrícola nipo-brasileira, destinada à exploração do Cerrado.

9. Os dois Governos comprometeram-se, ainda, a fomentar a cooperação em tecnologia industrial e foi negociado o financiamento da construção do porto de Praia Mole. Deverão ser abertas linhas de crédito para instituições financeiras brasileiras e deverá ocorrer, em breve, a primeira colocação de bônus brasileiros no mercado de capitais japoneses. Houve oferecimento de volumosos créditos para aquisição de equipamentos japoneses.

10. O estreitamento da parceria econômica com o Japão resultou da plena consciência de que goza o Brasil dos seus interesses nacionais específicos e de sua nova capacidade de exercer opções no plano mundial.

OBSERVAÇÃO:

As fotografias que ilustram esta publicação foram gentilmente cedidas pela MANCHETÉ.

REMETENTE

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA -
ASSESSORIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS
PALÁCIO DO PLANALTO - 3º ANDAR
70.000 - BRASÍLIA - DF